ANO 17.º LISBOA—QUINTA-FEIRA, 28 DE OUTUBRO DE 1937 N.º 5367

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 40 CENTAVOS
Editor — JOÃO CHRYSOSTOMO DE SA
ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.º
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSAO DE CENSURA

O DIARIO de Luanda «Provincia de Angola», num artigo transcrito pelo nosso colega de Lisboa «Jornal do Comercio e das Colonias», refere-se a um discurso pronunciado pelo general Ryckmans, actual governador do Congo Belga, no Congresso da Imprensa Colonial, de ha poucos anos, e no qual discurso aquele general declarou que a responsabilidade dos jornalistas coloniais é muito maior do que a pedida em regra aos seus colegas das metropoles.

E escreve o jornal de Luanda:

«De facto. Ao passo que, no velho continente, a Imprensa desenvolve uma actividade por assim dizer especializada, no «front colonial», de recursos e expansão absolutamente limitados, exige-se, ao restrito numero dos que nele «combatem», um esfôrço completo.

Com justeza, o sr. general Ryckmans se referiu tambem aos assuntos sobre os quais, por patriotismo, a Imprensa ultramarina deixa de escrever.

Por isso, nas colonias, se não compreendem jornais de combate ardente, mas de colaboração e cooperação. E' que todos nós nos temos de mover dentro do mesmo objectivo; e de animo forte trabalhar pelo progresso e engrandecimento do territorio que ocupamos, sem esquecer jámais que, tão grandes como os perigos externos ha outros, cá dentro, que só nós podemos evitar».

Se por jornais de combate ardente se entendem aqueles que não têm respeito nem pelas pessoas nem pelas intenções, se excedem com desenfreado vocabulario, corrompendo a verdade e levando a desorientação ao publico — está bem que eles não se compreendam nem nas colonias nem nas metropoles.

Mas tudo está em saber-se o que é e o que se pode chamar um jornal de combate.

Aquele que discute os assuntos mesmo com veemencia, correspondente á indole do articulista, com boa fé e entusiasmo, discordando muitas vezes, e apontando outras directrizes á acção administrativa, ou seja ela qual fôr — não sai fora da sua missão, nem deixa de se representar um elemento de cooperação e de colaboração util. Pelo contrario, na Belgica, na França, ou seja onde fôr, um jornal cujo articulista, mentindo a si proprio, aplaude tudo, consentindo em se colocar alheio ao êrro, falseia o seu papel, desorienta e torna-se pernicioso ao poder central.

E em materia colonial bastas vezes o conselho de alguns, competentes e honrados, serve mais do que a subserviencia dos aulicos, que depois confessam: «escrevi aquilo, mas não concordo».

* * *

LORD Plymouth, que é tambem titular de Windsor, como o ex-rei Eduardo VIII (é visconde e barão daquele titulo, por herança de familia) possui uma consideravel fortuna. O actual presidente da comissão de não-intervenção, quando ha 14 anos morreu seu pai, só em direitos de sucessão pagou ao Estado 250.000 libras.

A inteligencia

Da minha visita á França, Alemanha e Suiça—mesmo pondo de parte Basileia que é impessoal como um salão de gare — reconheço que a inteligencia ainda governa o mundo. Quando ela falha ou falta, os homens caminham como loucos. Perceber é dificil, se as paixões nos dominam. Por isso é que a inteligencia carece de ser tambem uma força moral.

Dois individuos, dois povos, duas humanidades que se compreendem dissipam os erros e prejuizos que os separam. Nunca devemos apreciar e falar dos outros, sem os havermos observado e estudado, com a maior atenção.

Conhece a França a Alemanha? Imperfeitamente.

Conhece a Alemanha a França? Nevoentamente.

Qual o resultado desta dupla ignorancia?

A hostilidade latente ou patente, a violencia feroz e devastadora.

Dois povos, os mais civilizados e pulidos, ainda se não decidiram a fazer o seu exame de consciencia. No dia em que romperem com os receios que os paralisam, medindo-se e encarando-se, não através de idéas falsas, mas de principios justos, cairão os baluartes construidos com prevenções e delirios.

O inconsciente, se o largamos, entregando-o ao seu perigoso alvedrio, desencadeia catastrofes.

Nós, os portugueses, carecemos de educação critica, pois obedecemos frequentemente a impressões volateis e a juizos sem fundamento, provocadores de comportamentos funestos e desastrosos. Se temos olhos, é para ver, sem nos servirmos dos oculos alheios. Ponhamos de lado as opiniões feitas por outros e as regras de conduta elaboradas sob a influencia de prestigios mais brilhantes que verdadeiros.

Milhões de franceses e alemães repousam á sombra dos ciprestes, simplesmente porque os seus chefes não venceram as tentações do mal, afastando os monstros criados pelas fermentações impuras dum alucinado patriotismo. Creio, porém, que a pouco e pouco, a inteligencia abordará, com animo de o resolver, este problema:

—Como fazer do Rheno um rio que une e não uma torrente que divide?

Alguns jovens alemães com quem falei disseram-me:

—Não desejamos a guerra, embora seja a unica resposta para certas humilhações...

Entrava em jogo o amor proprio, filho dilecto do inconsciente. Não prolonguei o meu interrogatorio, por ser inutil. Em França, nota-se a mesma tendencia para colocar o instinto acima da razão.

—Não sofreremos ameaças, venham donde venham...

Eis a patologia a turvar as luzes do espirito. A escuridão a apagar o sol. O pavor a subjugar os nervos. A mocidade a abrir o seu fosso mortuario.

Enquanto Genebra agoniza na sua monumental inutilidade, os odios acendem-se cada vez mais.

Quando é que a inteligencia entrará na caverna dos leões?

Tanto na França como na Alemanha, ha homens sinceros que se esforçam por deter os gestos imprudentes e fatais. Possa a sua intervenção produzir-se a tempo e horas, retirando ao destino a sua mascara cruel — o primado da tragedia e das amarguras multitudinares...

Robert Musil, jovem escritor austriaco, fez ha meses uma conferencia interessantissima, sobre o seguinte tema — «Uber die Dummeit». As suas deliciosas ironias, dedicadas á estupidez e á pobresa mental, permitem-nos pensar que ele adora um unico idolo — a inteligencia. Sem desculpar-lhe as suas fraquezas, declaro que para mim não existe instrumento mais apto para desbravar a «selva escura». Os estupidos vivem na incompreensão como os brutos no seu fojo.

Na Alemanha, deparei com um apêlo á vida que ouso sintetisar nestas palavras:

—Instalemos a felicidade no templo do amor e da ciencia.

Parece-me que, em Portugal, ha tambem qualquer cousa de importante a tentar, a-fim-de que as esperanças não expirem ao abandono, nos portais das casas desmanteladas...

Paris, 17 de outubro, 1937.

JOAQUIM MANSO

NA Turquia não ha propriamente pintura nacional, nem museus onde se notem documentos de mérito de quaisquer dos seculos passados.

E' que por efeito de uma tradição, no Islam era interdita a pintura da figura humana. Raras excepções se conhecem, entre elas um retrato do Sultão Mehmet, o Conquistador, que data de 1493.

Agora realizou-se, com exito notavel, em Iztambul, uma exposição de arte de pintura do seculo XX, quasi toda posterior a 1883, data em que se fundou o primeiro Centro ou Escola de Belas Artes.

O exito foi tão grande que o Presidente da Republica, Kemal, ordenou que sejam criados um museu moderno de pintura e outro de escultura.

As primeiras escolas de desenho que houve na Turquia (1791) foram exclusivamente militares, para trabalhos de cartografia e fortificações.

Mas — ensinou-se a desenhar, e foi dessa semente que nasceram alguns artistas, nunca protegidos — já não dizemos perseguidos — e que lograram vencer a intenção islamita de atrofia do genio artistico na Turquia.

* * *

A VIDA moderna, de hoje e não de ontem, com a sua psicologia complicada, o seu dramatismo quotidiano, o seu gosto de louca aventura, nem sempre encontra reflexo na literatura portuguesa.

Um dos seus primeiros romances é, sem duvida, estas Três Raparigas em Liberdade, *que Amadeu de Freitas, jornalista brilhante, que tem o potencial emotivo e artistico dum verdadeiro escritor, arremessou agora ao publico, num golpe vibrante de audacia e de inconformismo. E' a historia de três corações femininos, que empolgam um pobre enamorado de beleza. O que a mulher tem de idealismo ou de perversidade, na eterna comedia do amor está ali estudado, através duma intriga incisiva, de ambientes cosmopolitas, por vezes, situada entre ceu e mar, numa visão fulgurante de «écran».*

Três Raparigas em Liberdade *é um romance do nosso tempo, que vai apaixonar o publico, que será mesmo discutido, de tal maneira o seu autor, contra os* clichés *correntes, nos deu uma obra viva, carnal, ardente, dum estilo tão apurado como sugestivo.*

* * *

A PROPOSITO do peditorio nacional a favor dos cancerosos pobres, que se efectua nos dias 1 e 2 de novembro, o distinto clinico dr. Augusto de Esaguy realiza amanhã, ás 18 e 50, na Emissora Nacional, uma conferencia intitulada «A malignidade de certos tumores».

* * *

FOI reconduzido no cargo de director dos hospitais da Universidade de Coimbra o ilustre professor catedratico sr. dr. Angelo da Fonseca.

O "DIARIO DE LISBOA" DE HOJE É DE 16 PAGINAS INCLUINDO O SUPLEMENTO LITERARIO

BOLSA DE LISBOA

28 de outubro
CONTADO

VALORES	Efectuado	Compra	Venda
Fundos do Estado			
Consolidado 5 3[4 1936 s[j	958$50	958$00	960$00
» 4 0[0 1934 ..	988$00	987$50	989$00
Emprestimo 4 1[2 0[0 1912	—	—	—
Consolidado 4 1[2 0[0 1933	1.029$00	1.028$00	1.030$00
» 4 3[4 1934 ..	—	1.158$00	1.159$00
» 5 1[2 0[0 1933	1.082$00	1.081$00	1.082$00
Externo 3 0[0 1.ª Série ..	1.728$00	1.727$00	1.730$00
» 3 0[0 2.ª » ..	—	1.892$00	—
» 3 0[0 3.ª » ..	1.730$00	1.726$00	1.735$00
Cautelas sjuro 3.ª Série	—	159$00	162$00
Acções			
BANCOS			
Comerc. de Lisboa, port.	510$00	508$00	515$00
Espirito Santo port.	—	765$00	—
Lisboa & Açores, port..	370$00	370$00	371$00
Portugal, portador.....	1.119$00	1.119$00	—
C.as DE SEGUROS			
Bonança	—	—	—
Fidelidade.....	—	—	—
Mundial	—	245$00	250$00
Nacional	—	—	775$00
Sagres	—	—	—
Tagus	—	—	—
C.as DIVERSAS			
C. P. ordinaria.....	—	—	—
» » privilegiadas	—	13$30	13$9
Aguas de Lisboa, port..	—	—	—
» » ass. 1934	—	—	—
» » ass. 1936	—	—	150$00
Credito Predial	—	—	16$00
Gaz e Electricidade.....	310$50	310$00	31[$00
Portugal e Colonias.....	81$70	81$60	81$80
Navegação	—	101$00	101$50
Portuguesa de Pesca....	—	—	—
» de Tabacos.	403$00	402$50	403$00
Tabacos de Portugal....	364$00	364$00	—
Tabaqueira	—	—	—
União Electrica Portug.	175$00	176$00	—
COLONIAES			
Açucar de Angola.....	—	381$00	383$00
Busi — 1.ª Emissão	—	47$60	49$00
» — 2.ª »	—	46$00	46$50
Ilha do Principe	435$00	436$00	438$00
Obrigações			
C. P. 6 0[0	226$00	226$00	227$00
Prediais 6 0[0 — 1932 1.ª S	—	89$00	90$00
» 7 0[0	102$00	101$50	102$00
União Elect. Port. 6 1[2 0[0	118$00	117$00	119$00
» » » 5 0[0 ...	105$00	104$50	106$00
Busi 9 0[0	—	—	—
» 6 1[2 0[0.....	—	—	—

HENRIQUE DE BARROS GOMES
Corretor oficial da Bolsa de Lisboa
TELEF. 2 5482 RUA S. JULIÃO, 69

CAMBIOS

CHEQUE SOBRE	Compra	Venda
Londres.....	110$00	110$20
Paris	$71,7	$74,8
Madrid	1$39,2	1$39,4
New-York	22$19,2	22$23,2
Zurich.....	5$11,9	5$12,8
Roma	1$16,8	1$17,0
Bruxelas	3$74,8	3$75,5
Amsterdam	12$27,0	12$29,3
Berlim	8$91,6	8$93,2
Praga.....	$77,6	$77,8
Rio de Janeiro.....	1$24,6	1$24,8
Libra ouro	—	—

DE LUTO

D. Maria Luiza Bombarda

Faleceu no dia 25 e foi sepultada ontem no cemiterio do Lumiar a sr.ª D. Maria Luiza Moreira de Carvalho Bombarda, que contava 81 anos de idade e era viuva do ilustre psiquiatra e grande paladino da Republica dr. Miguel Bombarda.

Por expressa determinação da finada, o seu enterro foi simples e modesto, não se tendo feito quaisquer convites.

A seus filhos, a sr.ª D. Delminda Bombarda e Miguel Bombarda, o «Diario de Lisboa» apresenta sentidas condolencias.

Vão adoptar-se em Portugal
os modernos processos para a selecção do pessoal da Armada

O distinto medico da Armada 1.º tenente dr. Almeida Amaral que regressou recentemente da Alemanha onde foi, por encargo do Ministerio da Marinha, estudar a organização e funcionamento dos serviços de selecção do pessoal destinado á Marinha, efectuou hoje de manhã no Estado Maior Naval, perante uma assistencia de muitas dezenas de oficiais e sob a presidencia do chefe daquele organismo sr. almirante Ramalho Ortigão, uma interessante conferencia acêrca dos estudos que efectuou e que vai pôr em pratica no nosso país.

Depois de fazer a historia da selecção cientifica desde os fins do seculo XIX, o conferente recordou o trabalho de grande amplitude efectuado na America do Norte durante a Grande Guerra, mercê do qual se seleccionaram por meio de «tests» psicologicos cêrca de 2.500.000 soldados em pouco tempo, passando depois a analisar o desenvolvimento de tais serviços em diversos países.

Entrando propriamente no assunto da sua conferencia, o dr. Almeida Amaral fez uma larga e bem documentada exposição acêrca da modelar organização dos Serviços Psicologicos Militares em toda a Alemanha, através de quinze institutos que funcionam nas principais cidades, com um serviço central em Berlim, abrangendo Exercito e Marinha, sob a direcção do general von Vogs. Em Kiel, séde do instituto especialmente consagrado á Marinha, é o almirante von Bredow que dirige o «Marine Psychologische Prufstelle». Outras altas personalidades militares superintendem nos restantes institutos.

Afirmou o conferente que os alemães seguem um criterio de bom senso, logica e sentido pratico, investigando especialmente a personalidade total do individuo, as suas qualidades de caracter, decisão, vontade, energia, espirito de luta qualidades de comando, etc., manifestando a opinião de que tais processos são aqueles que deveremos seguir entre nós. Depois de apontar diversos aspectos de utilidade dos serviços de selecção, tais como deminuição de acidentes na aviação e outros, o conferente terminou por elogiar a decisão do sr. ministro da Marinha de, ao reorganizar a Escola Naval, introduzir disposições que obrigam á selecção pratica efectiva dos cadetes.

O almirante sr. Ramalho Ortigão fez o elogio do trabalho do conferente classificando-o de uma notavel lição.

Conferencias culturais

O Sindicato Nacional dos Telefonistas e Oficios Correlativos do Distrito de Lisboa e promove agora a realização duma serie de conferencias culturais para os seus filiados, de grande alcance doutrinario e cientifico. A primeira, que se realizou ontem, pelo engenheiro Armando Ferreira, secretario geral do A. P. T. e ilustre escritor, constituiu um grande exito e foi subordinada ao titulo «O homem e a maquina».

Trata-se duma iniciativa digna dos maiores elogios. A' conferencia de ontem, outras se seguirão, todas elas demonstrando da parte dos dirigentes do Sindicato Nacional dos Telefonistas o interesse e carinhosa atenção que lhes merece a cultura da vasta classe que trabalha na Companhia dos Telefones.

Desastre a bordo

Na sala das observações do hospital de S. José, deu hoje entrada Andjelo Sckie, de 39 anos, jugo-eslavo, que a bordo do vapor da sua nacionalidade «Slaza», deu uma queda fracturando uma perna.

Uma emissão radiofonica
de Radio Club Tenerife dedicada a Portugal

Amanhã, 29, pelas 19 horas a estação emissora Radio Club Tenerife dará uma emissão especial oferecida ao nosso país e dedicada a Radio Club Português, com o seguinte programa:

1.º. Palavras de saudação em nome de Radio Club Tenerife pelo locutor Manuel Serrão Lopes.

2.º. Breve alocução do presidente do mesmo clube D. Elias Ramos Gonzalez

3.º. Concerto pelo Trio Soler: «Nossa Senhora do Sameiro, «suite» portuguesa em cinco andamentos, de Raul de Campos.

4.º. Canção do Alentejo.

5.º. Algumas palavras em espanhol pelo dr. Ricardo Castelo.

6.º. Continuação do concerto pelo Trio Soler: «Suite Portuguesa» de Rui Coelho.

7.º. Samaritana, (fado canção).

8.º. Fim da emissão: hino nacional português, hino nacional espanhol.

Nesta emissão serão empregados dois comprimentos de onda: 28,93 metros (10.370 ks.), e 201 metros.

Para a recepção em Portugal é aconselhado o primeiro deste cumprimentos. Radio Club Tenerife agradece desde já todas as informações acêrca desta emissão que venham a ser-lhe prestadas pelos ouvintes portugueses, aos quais enviará cartões de verificação.

TRIBUNAIS
Na Boa-Hora

No 3.º Juizo Criminal foi hoje julgado Carlos Madeira, que é acusado de, em 27 de março, ter agredido, á facada, José Fernandes Luz.

O réu foi condenado a 6 anos de prisão maior celular, seguidos de dez anos de degredo, na alternativa de 20 anos de degredo, e mil escudos de imposto de justiça.

—Foi hoje julgado, na Boa Hora, Ernesto Gualdim da Conceição, acusado de ter burlado Manuel Bandeira, com um cheque sem cobertura, no valor de 5.100$00.

Foi condenado a 18 meses de prisão, mais 90 dias a 2 escudos e mil escudos de imposto de justiça.

«LEGIÃO PORTUGUESA»

Os legionarios das Guarnições A, B, C, e D, devem comparecer, na séde da Brigada Naval, amanhã e depois, das 18 ás 20 horas, na Secção dos Serviços Navais, a-fim-de receberem instruções para o exercicio de mar que se realiza no domingo dia 31.

—Convocam-se os legionarios do Batalhão n.º 4 que desejem inscrever-se em qualquer das modalidades desportivas que forem postas em pratica no corrente ano lectivo pela Secção de Ginmnastica e Desporte a comparecer na Séde do aBtalhão, amanhã, pelas 21 e 30.

Consulado da Alemanha

A chancelaria consular da legação da Alemanha que estava instalada na rua da Madalena, 75, ficará funcionando, de 1 de novembro em diante, na rua Joaquim Antonio de Aguiar, 19, 1.º andar.

Marinha de Guerra

O sr. almirante Mata Oliveira, major general da Armada, esteve hoje em visita de inspecção a bordo do contra-torpedeiro «Lima», onde foi recebido e acompanhado pelo respectivo comandante sr. capitão de fragata Freitas Morna.

O dia religioso

AMANHÃ, 29.—Trasladação da Rainha Santa Isabel.

Lausperene, sai da igreja das Chagas de Cristo para a de Santa Maria de Belem.

Chagas de Cristo, ás 11 e 30, festa a Nossa Senhora da Salvação, com missa solene, por musica, procissão e Benção. Jeronimos, ás 11 e 30, missa solene; ás 18, terço de benditos.

Triduo preparatorio de festa da Realeza de Jesus Cristo: Mercês, ás 18, e conferencia pelo rev. dr. Costa Lima; Sacramento, ás 19, e pratica pelo rev. dr. Gonçalves de Carvalho, ladainha e benção. Anjos, ás 21, Penha de França ás 18, Madalena, ás 9 e 30; Encarnação ás 21, com pratica e Pena, ás 19, com pratica, pelo rev. Armando Lopes.

A inauguração do monumento
ao dr. Antonio José de Almeida

A direcção do Centro Escolar Republicano «Dr. Antonio José de Almeida» avisa os seus consocios que a distribuição de bilhetes de admissão para assistir á inauguração, no proximo dia 31, do monumento ao antigo Presidente da Republica, se efectua na sua séde na travessa da Nazaré, n.º 21 (ás Olarias) das 20 ás 23 horas.

Colhido por uma carroça

Quando esta manhã uma carroça puxada a uma junta de bois passava sobre uma ponte em A. dos Calvos por ter batido num grande pedregulho, a carroça voltou-se, colhendo José da Silva Gaiola, de 50 anos, carroceiro e jornaleiro, residente naquela povoação.

O infeliz sofreu a fractura da coluna vertebral, pelo que foi conduzido para o hospital de S. José onde ficou internado em estado grave.

Uma exposição de crisantemos
inutilizada pela chuva

Devia inaugurar-se hoje, no jardim do hospital de S. José, uma exposição de crisantemos dos viveiros dos hospitais civis, que não pôde efectuar-se em virtude das ultimas chuvas terem inutilizado a maioria dos exemplares que se destinavam á exibição.

Portugueses falecidos no estrangeiro

O «Diario do Governo» publica hoje, em apendice, a relação dos cidadãos portugueses falecidos no Rio de Janeiro, durante os meses de março a junho de 1936, e no Rio Grande do Sul, nos meses de maio a junho de 1936.

BOX
na Sala Central de Desportos
Organização de "OS TREZE"
A'manhã sexta-feira
ás 21,30 horas
Lino Domingos—Carlos Chagas
Nunes Pereira—Manuel Tavares
Procópio Queiroz—João Estevão
Filipe Rebordão—Alfredo de Sousa
Antonio Pina—Sá Matos
—— PREÇOS ——
2$50 — 3$50 — 5$00
DOMINGO, 31 — MATINÉE as 16 horas
TORNEIO POPULAR
Preços popularissimos
1$50 — 2$50 — 3$50

Garganta, nariz e ouvidos
Dr. Domingos Andrade
Formado pela Fac. de Med. de Lisboa (Retomou a clinica) — Rua Augusta, 228

ESTE ANUNCIO E MAIS 5 ESCUDOS
Valem um bom retrato com o formato
18 × 24 na FOTOGRAFIA ACHILLES
AVENIDA ALMIRANTE REIS N.º 1, 1.º ANDAR — (Ao intendente) — TELEF. 4 7063

ÚNICO NO SEU GÉNERO
ALMANAQUE BERTRAND
para 1938
39.º ano da sua publicação — A mais antiga e de maior tiragem de todas as publicações em lingua portuguesa
RECREATIVO E INSTRUTIVO
Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros
LIVRO MUITO MORAL
podendo entrar sem escrúpulos em todas as casas
Passatempo e inciclopédia de conhecimentos úteis
Colaboração astronómica e matemática, muito interessante, por professores de grande autoridade nestes assuntos
Um grosso volume de 384 páginas, ornado de 422 gravuras, cartonado, 10$00; pelo correio, á cobrança, 12$00
A' venda nas livrarias — Pedidos á
LIVRARIA BERTRAND, R. Garrett, 73 — LISBOA

AERO-PORTUGUESA
33, R. do Alecrim, 2.º — Telef. 2 3371
HORARIO DE INVERNO
(a partir de 3 de Outubro)
Partidas aos domingos, ás 8 e 15
PORTUGAL-AMERICA DO SUL em 48 horas
Entrega das correspondencias para: MARROCOS, AFRICA OCIDENTAL FRANCESA, GUINÉ PORTUGUESA E FRANCESA; LIBERIA, COSTA DO MARFIM E DO OURO E AMERICA DO SUL na CENTRAL DOS CORREIOS (Rua do Arsenal).
até ás 6 horas da manhã de DOMINGO
PASSAGEIROS para Marrocos, Africa Ocidental Francesa, Europa, etc.
MERCADORIAS para Marrocos e Africa Ocidental Francesa.
Informações. Wagons-lits // Cook — Agencia Havas — Turismo de Portugal

TEATROS E CINEMAS

«Mamã Bonita», no Trindade

Irene Izidro ao lado da grande actriz Palmira Bastos e do 1.º actor Erico Braga

Realiza-se esta noite, no Trindade, o ensaio geral da celebre comedia Mamã Bonita, *que amanhã ali sobe á cena perante a espectativa e natural ansiedade de todo o publico de Lisboa. Já dissémos que a sua protagonista,* Luisa, *vai ser interpretada pela grande actriz Palmira Bastos e que o papel de* Henrique *vai ter por criador o primeiro actor Erico Braga. Mas, em* Mamã Bonita, *outra ilustre artista vai ter a seu cargo um grande papel de exame,* Clara, *confiado a Irene Izidro, que, voltando de novo ao teatro declamado, terá ensejo de se revelar, outra vez, a notavel comediante que ainda na época passada firmou o seu nome ao lado daquelas duas figuras primaciais da nossa cena.* Mamã Bonita *vai representar-se amanhã com a seguinte distribuição:*

Luisa, *Palmira Bastos;* Clara, *Irene Izidro;* Guida, *Fernanda de Sousa;* Joaninha, *Maria Guimarães;* Milu, *Zeca Fernandes;* Teresa, *Teresa Gomes;* Josefina, *Humilta de Macedo;* Eugenia, *Paz Rodrigues;* Criada, *Julia Gomes;* Henrique, *Erico Braga;* Jaime, *Alves da Costa;* Chico, *Barroso Lopes;* Carlos, *Gil Ferreira;* Alfredo, *Tarquinio Vieira;* Alberto, *João Silva;* Antonio, *Jorge Grave;* Frederico, *Carlos Viana e* Criado, *Domingos Pereira.*

Atrás do reposteiro

Por dificuldades de montagem só amanhã se realiza no Apolo, em duas sessões, a estreia da nova revista *Pão Saloio.*

—Assis Pacheco, primeiro actor da Companhia Maria Matos, declinou o convite que lhe foi feito para interpretar o *compére* duma revista, que vai estrear-se em Lisboa.

—A comedia que Luiz Palmeirim adaptou recentemente vai ser entregue a um dos nossos primeiros empresarios e será, posivelmente, representada num teatro popular.

—Teve uma grande recepção, em Braga, onde ontem se estreou, no Teatro Circo, com a comedia *A Bernarda,* a Companhia de Maria Matos, que hoje representará *A Tia Engracia.* Amanhã estreia-se no Sá de Miranda, em Viana do Castelo.

—No Nacional repete-se hoje a peça em cinco actos *Loucura de Amor,* um drama historico e de amor ao mesmo tempo, que o publico acolheu com aplausos e a critica elogiou. O trabalho de Amelia Rey Colaço no papel de rainha *D. Joana,* a mulher que o amor levou á loucura, empolgou nos mais pequenos pormenores. O espectaculo do Nacional tem ainda a vantagem de apresentar-nos uma companhia de autenticos valores, como Maria Clementina, Raul de Carvalho, Samwel Diniz, João Villaret, etc.

—O actor Abilio Alves teve alta do hospital dos Capuchos, onde foi operado, ha dias, pelo sr. dr. Balbino Rego, auxiliado pelo seu assistente sr. dr. Lopes da Costa.

— Irene Izidro acaba de gravar, com grande exito, na Columbia, de San Sebastian, a sua criação «Zé Maria» e a «Valsa Portugal», composições musicais de Cruz e Sousa, de quem foram tambem gravados «Bailes Regionais» e «España-Libre», com orquestra e orfeão.

—Por incumbencia duma das nossas empresas, o secretario teatral Antonio Vasques, nosso antigo colega de Imprensa, adquiriu os direitos de representação para Portugal, em Buenos Aires, de 24 peças argentinas, cujos originais já se encontram em Lisboa.

— O escritor José Barbosa, artista plastico de raras qualidades, está trabalhando num medalhão do saudoso escritor e empresario Luiz Galhardo, para uma homenagem a prestar-lhe.

—Na *matinée* elegante que no proximo sabado se realiza no Capitolio toma parte o celebre violinista concertista Roland Horns, que se encontra de passagem em Lisboa.

«O dr. Socrates», no Odéon e Palacio

Paul Muni, que deixou de ser Pasteur para ser «O dr. Socrates», mas não deixando de ser o grande actor de sempre, dos melhores do cinema, apareceu ontem no Odéon e Palacio ao lado de Ana Dvorak e num filme com «gangsters», mas com interesse.

Acompanhando o sombrio «O dr. Socrates» ofereceu-nos o programa dos dois cinemas outro filme alegre, optimista, «Um sol na vida», historia simpatica duma milionaria e dum rapaz pobre, Josephine Hutchinson e Dix Powell, ambos representando bem, e ele cantando agradavelmente.

O publico, do mais triste ao mais alegre, encontrou satisfação nos dois filmes do programa.—P.

Uma festa de homenagem aos autores do filme «Maria Papoila»

Maria Papoila *começa a exibir-se no Capitolio no proximo dia 1 de novembro.*

"Bonequinha de sêda" no Coliseu

O cinema brasileiro apareceu-nos ontem pela mão de Ricardo Covões, e no Coliseu, onde já se haviam revelado tão grandes exitos brasileiros como Geraldo, o bailarino Duque e a companhia de Jardel Jercolis.

E para a apresentação pediu Ricardo Covões ao eminente poeta dr. João de Barros formosas palavras de amizade luso-brasileira que a ilustre actriz Ilda Stichini leu ante o numeroso publico que enchia a vasta casa de espectaculos em justa correspondencia ao acontecimento e que, no final, coroou com uma ovação o esforço dos nossos amigos de alem-mar. O cinema brasileiro foi assim recebido com o mesmo carinho com que o Brasil acolhe o nosso, um e outro ainda balbuciando a linguagem fotografica que depressa hão-de falar com a facilidade já atingida pelos precurssores da sétima arte, deixando de gaguejar, pronunciando todas as palavras sem hesitações, «falando bem e depressa».

Esta confiança no futuro do cinema luso-brasileiro, falado em lingua portuguesa, vem-nos das muitas certezas que ele já encerra, dos momentos perfeitos que já realiza, a par de alguns passos ainda indecisos que desaparecerão com a pratica.

Julgamos ser esta a verdade, a verdade que devemos aos brasileiros, tão conhecedores de cinema, habituados a verem quasi em primeira mão, os melhores filmes do mundo.

«Bonequinha de sêda», o filme brasileiro para o qual Oduvaldo Viana escreveu o argumento—lindas palavras e graciosos conceitos—e Francisco Mignone bela musica, tem realmente momentos perfeitos, até como fotografia, sobretudo os primeiros planos ainda que os outros se nos afigurem desfocados.

E tem interesse permanente, e simpatia, ternura e espirito, provocando sorrisos constantes e, algumas vezes, o riso franco.

A sua protagonista, Gilda de Abreu, não é apenas uma magnifica cantora, e uma bailarina. Representa admiravelmente, dispondo de boa dicção, e de intenção certeira, e tem uma fisionomia encantadora, sedutora. Na maneira intencional de dizer merece tambem destaque outra actriz cujo nome não recordamos, a dama espirituosa que defende a idéa de que todos somos iguais e que só os alfaiates e as costureiras nos tornam diferentes.

E quasi todos os outros interpretes de «Bonequinha de sêda» representam acertadamente, e alguns com muito dinamismo, como acontece a um deles, o de tipo mais engraçado, cujo nome tambem não sabemos, porque os programas não os dão e na tela passam rapidos.

Inclui «Bonequinha de sêda» uma série de bonitos bailados internacionais, nalguns dos quais intervem Gilda de Abreu, sendo um deles uma fantasia portuguesa. E no final ouve-se uma deliciosa canção brasileira, ao som dos violões, terminando assim o filme que nos deixa uma suave impressão de ternura, de encantamento amigo.

Os interiores, de «Bonequinha de sêda», modernos e de bom gosto, são de Hipolito Colombo, e dele devem ser alguns dos carros alegoricos que desfilam no documentario do Carnaval no Rio de Janeiro, autentica loucura, bebedeira carióca de cada ano, cordão colossal de módinhas e bailes, nalguns dos quais, como seja o baile das actrizes, nos aparecem caras tão conhecidas como Procopio, que é do cinema de cá e de lá, figura dos dois cinemas irmãos, ambos dando os primeiros passos, os dois em vesperas de saberem andar.

Nos complementos do programa figuram ainda paisagens encantadoras do Rio de Janeiro, a cidade maravilhosa, prodigio de belezas naturais incomparaveis.—R. P.

A noticia tem foros de sensação pois o estupendo filme do consagrado realizador Leitão de Barros saiu ainda ha pouco tempo do écran do Condes em pleno exito, e sem que uma grande parte dos lisboetas o tivesse visto ou voltasse a vê-lo, como desejaria, pois Maria Papoila *quanto mais se vê mais se aprecia.*

A noite de segunda-feira proxima no Capitolio, vai pois ser de festa e alegria dado o programa que se está a organizar.

Quis a Empresa que o primeiro espectaculo de Maria Papoila *no Capitolio seja de homenagem aos consagrados escritores Alberto Barbosa, dr. José Galhardo e Vasco Santana, autores do argumento da feliz e encantadora comedia.*

Para isso, o programa em organização será ultra-sensacional e nele vão colaborar, entre outros artistas, Palmira Bastos, Corina Freire, Hortense Luz, Maria Paula, Raul de Carvalho e Mirita Casimiro, a famosa «Maria Papoila» já consagrada pelo publico como uma grande estrela *de cinema.*

Além do filme e de outras surpresas, será representado um sketch *escrito propositadamente para este espectaculo e focando um curioso assunto cinematografico e um dos nossos mais conhecidos escritores dirá algumas palavras sobre o cinema nacional e o teatro.*

Eis, pois, uma curiosa iniciativa que, além de oferecer ao publico de Lisboa um espectaculo unico, será uma consoladora afirmação, de que entre os artistas não ha mal entendidos e que o teatro e o cinema são duas artes gloriosas que podem e devem caminhar na mais estreita aliança.

Os bilhetes podem desde já ser marcados na bilheteira do Capitolio ou pelo telefone 2 7493.

CARTAZ

TEATROS

Avenida—A's 21 e 30—«A Milionaria»
Eden—A's 20 e 45 e ás 23—«Chuva de mulheres»
Maria Vitoria—A's 20 e 45 e ás 23—«O Cartaz de Lisboa».
Nacional—A's 21 e 30—«Loucura de Amor».
Variedades—A's 20 e 45 e ás 23—«Desculpa, ó Caetano!».

CINEMAS

S. Luiz—A's 21 e 30.
Tivoli—A's 21 e 30.
Capitolio—A's 21 e 15.
Central—A's 21 e 30.
Chiado Terrasse—A's 21 e 15.
Coliseu—A's 21 e 15—«Bonequinha de Seda».
Condes—A's 21 e 30.
Lys—A's 21 e 15.
Odéon—As 21 e 15.
Olimpia—A's 14 e 30 e ás 21.
Palacio—A's 21 e 30.
Pavilhão Português—A's 21.
Royal—A's 21.
Rex—A's 21.

TROIKA

E' amanhã a estreia deste filme no Cinema Condes e que muita gente espera ver por varias razões, entre outras por ser um filme francês feito em moldes americanos: pequeno dialogo, cenas rapidas, acção, movimento.

Por outro lado o assunto tem um interesse especial. Trata-se da guerra da China e da pretensão de compra de armamento na Polonia, especialmente de aeroplanos K. 65. Isto envôlve-se num caso de amor em que intervêm um grande financeiro polaco e varios oficiais.

Outro interesse é o de voltarmos a ver na tela Jean Murat, contracenando com Charles Vanel e a nova vedeta Jany Holt.

Todas estas razões justificam o interesse pela estreia de amanhã.

PROGRAMAS DE HOJE

S. LUIZ — A's 21 e 30 — Telef. 2 7172 — 2.ª semana — Margarida Gautier (Dama das Camelias) com Greta Garbo e Robert Taylor

CENTRAL — TEL 24381 — Soirée as 21 e 30 — Programa duplo — MASSACRE — Manhas de amor

ODEON — A's 21 e 30 — Telef. 2 6 83 — Um sol na vida — filme musical com Dick Powell e Josephine Hutchinson

PALACIO — A's 21 e 30 — Telef. 4 7163 — Dr. Socrates — com Paul Muni e Ann Dvorak

REX — Telef. 2 9656 — A's 21 e 15 — NA FRONTEIRA RUSSA — Ao som das violas — «Canção Nacional» — No Cinema e Salão de Festas

JARDIM CINEMA — A's 21 — Tel. 6 3065. — Os ultimos dias — dias de Pompeia — EVA

TIVOLI — TELEF. 5 0595 — O Rei e a Corista — com Fernand Gravey, Joan Blondell e Everett Horton

CONDES — A's 21 e 30 — TEL 22523 — 2.ª semana e ultima — Entre Duas Paixões — Um filme de l'Herbier com Marcelle Chantal e Victor Francen

CAPITOLIO — Tel. 27493 A's 21.15 — Mil dolares por minuto — O bando dos mineiros piratas — No terraço e no salão

LYS — Telef. 4 8560 — A menina Ching-Ching — Charlie Chan nos Jogos Olimpicos

TERRASSE — Tel. 2 091... — A Hora Suprema — Barreiras sociais

ROYAL — Telef. 45037 — A's 2 — O CLUB DA RUA 56 — A Floresta Petrificada — A Embaixada do Fado do Retiro da Seevra

CASINO ESTORIL — A's 21 e 30 — O general morreu ao amanhecer

Apolo — ESTREIA DA REVISTA POPULAR — AMANHÃ: Duas sessões A's 8,45 e 11 horas — PÃO SALOIO — PREÇOS POPULARES

EDEN TEATRO — PREÇOS POPULARES — EM — ULTIMAS — da grande revista — CHUVA — DE — MULHERES

Poltronas de orquestra..... 9$00
„ de plateia..... 7$00
Balcão de 1.ª ordem ..... 6$00
„ de 2.ª „ ..... 4$00
Geral..... 2$50

Domingo: Matinée ás 15,30 — a — PREÇOS POPULARES

AVENIDA — A's 9 1|2 horas — Um encanto de espectaculo — e — Uma peça do agrado unanime — A MILIONARIA — Por uma companhia notabilissima de Adelina-Aura Abranches

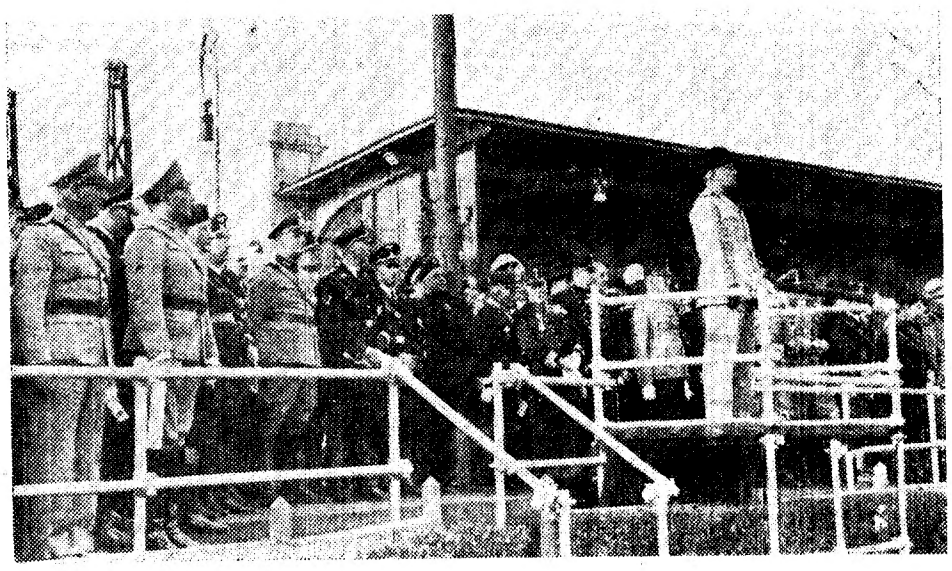
HOJE e AMANHÃ — e SABADO e DOMINGO — os 4 ultimos dias de despedida — no — VARIEDADES — da FARSA das 1000 gargalhadas — Desculpa, ó Caetano! — A's 8 45 e 11 horas

Qual é? Qual é? — A revista de que o publico gosta, a revista que anda na alma de Lisboa? — O CARTAZ DE LISBOA — Todas as noites — A's 8,45 e 11 horas — — NO — — MARIA VITORIA

EVOCAÇÃO DA MARCHA SOBRE ROMA

Mussolini anunciou que a "Paz"

será a palavra de ordem para o ano XVI



A FESTA DA POLICIA ITALIANA EM ROMA, A QUE PRESIDIU O DUCE— A' direita do chefe da Policia italiana, Bocchini, vêem-se os oficiais da Policia portuguesa capitão Pessca de Amorim e capitão Baptista

ROMA, 28.—A população de Roma dirigiu-se, desde as primeiras horas da manhã, para o «forum» Mussolini para ouvir o grande discurso do Duce aos cem mil chefes das comunas da Italia, convocados para a capital, por motivo do XV aniversario da revolução fescista.

A manifestação revestiu o aspecto de uma evocação da marcha sobre Roma. Cem mil chefes, em colunas, como em 1922, penetraram na cidade, em marcha concentrica, solene e imponente. Esses chefes foram transportados, ontem á noite, por 50 comboios especiais, muitos camiões e automoveis, num total de 3 mil carruagens e acamparam nos arredores da cidade. A's 8 horas puseram-se em marcha. Ao mesmo tempo que eles se dirigiam para Roma, precedidos de «motos» com muitas bandeiras e cantando os hinos que entoavam em 1922, realizavam-se piedosas cerimonias em memoria dos que morreram.

O governador e os presidentes do Senado e da Camara dos Deputados depuzeram flores em honra dos mortos fascistas no Capitolio. A população, enfileirada nas organizações de trabalho atravessou o Tibre.

Foi perante uma enorme multidão comprimida no Estadio Mussolini que o Duce pronunciou o seu grande discurso, dando a palavra de ordem para o ano XVI. A multidão enchia o anfiteatro do Estadio e as faldas do Monte Mario, ao mesmo tempo que as colunas dos 100 mil chefes se agrupavam no terreno do Estadio.

A's 11 horas o conde Ciano chegou com Rudolf Hess.

Na tribuna de honra tomaram lugar os membros do governo, o corpo diplomatico e um grupo de hitlerianos fardados, assim como oficiais e soldados espanhois feridos. Aguardando o Duce 2 mil alunos da Academia fascista executavam hinos tocando em clarins de prata.

A's 11 e 30, saudado por salvas de artelharia e toques de clarins, o Duce aclamadissimo tomou lugar na tribuna central.

Depois da execução dos hinos nacionais, o secretario do partido ordenou a saudação ao Duce, «fundador do Imperio».

Lê-se seguidamente o numero dos aderentes ao partido, cujo total se eleva a 6.122.535.

O discurso do Duce

Mussolini falou em seguida. O discurso foi frequentemente interrompido com aplausos pela multidão, sobretudo quando Mussolini apresentou as personalidades alemãs e quando falou do desinteresse necessario dos chefes e das medidas relativas ao capital. As aclamações ouviam-se ainda quando ele exaltou a amisade germano-italiana e a necessidade, para o Reich, de recuperar as suas colonias.

O Duce começou por recordar que ha quinze anos, na vida do país se produzira um acontecimento de extraordinaria importancia. Era uma revolução «que ainda continua». O novo regime fascista identificara-se depois, cada vez mais, com o povo italiano renovado «sempre a responder á chamada ás armas».

«Podemos agora olhar para trás, exclamou, e sentirmo-nos orgulhosos com a obra levada a cabo, da qual a parte mais bela é o Imperio restaurado!».

O chefe do governo, nesta altura, saudou os hospedes alemães que se encontram em Roma por motivo destas festas. A multidão rompeu, então, em aclamações vitoriando os alemães. «A sua presença, disse Mussolini, significa que, ao lado duma estreita solidariedade entre os dois regimes, existe uma maior cordialidade entre os dois povos».

O Duce aludiu, em seguida, aos problemas internos de mais actualidade e dirigindo-se aos chefes recordou-lhes que as suas virtudes devem ser o sentimento do dever, a vontade de cumpri-lo e o desinteresse absoluto. Esta ultima expressão provocou uma trovoada de aplausos.

O orador referiu-se ás cifras citadas pelo Secretario do Partido, ao dar o balanço das forças vivas do partido e declarou que «atrás desses militantes se encontram milhões de homens dispostos a tudo».

Falou das recentes medidas financeiras e, no meio de calorosas manifestações dos presentes, declarou que essas medidas foram recebidas pelos interessados com disciplina e compreensão. «Doutra forma, acentuou, não poderia ter sido pois o capital está ás ordens do Estado».

A palavra de ordem

O Duce anunciou então que ia falar da «palavra de ordem» para o Ano XVI do Fascismo».

«Sob que signo, preguntou, desejamos nós começar o Ano XVI? Esse signo está nesta unica palavra, tão simples: Paz! Dela se tem abusado nos pretenciosos redis das pretensas democracias reaccionarias. Mas quando esta palavra sai da nossa boca, de nós, que combatemos e estamos prontos a combater, então retoma o seu significado profundo, solene e humano. A Paz é necessaria e, para consegui-la, é preciso eliminar o bolchevismo e fazer a revisão das concepções da paz. E' necessario, acrescentou, que um grande povo, como é o povo alemão tenha o lugar que lhe cabe e que já teve ao Sol africano».

Concluí assegurando que a Italia pode estar tranquila porque fez o seu Imperio com os seus proprios meios. «Camaradas! exclamou. Levantai os vossos estandartes na gloria do ceu de Roma, porquanto eles não são apenas as bandeiras da revolução, mas sim as do Seculo, deste Seculo que é o Seculo do Fascismo!».

No final do seu discurso a multidão tributou ao Duce uma formidavel ovação.—(Havas)

A GUERRA SINO-JAPONESA

Continúa a lutar-se com violencia

proximo da cidade de Changai

Durante toda a noite travou-se violento duelo de artelharia a Oeste de Changai, nas margens do Su-Xow e de manhã prosseguia uma grande batalha na margem esquerda do rio Pu-Tcheu, perto de Chen-Fu, onde os regimentos japoneses romperam a frente chinesa. A' tarde, as tropas chinesas contra-atacaram. Chen-Fu, quasi inteiramente destruida pelo bombardeamento japonês, continua em poder dos chineses.

Por outro lado, anuncia-se que a secção do Kuomintang de Changai lançou a seguinte proclamação: «Continuamos a luta sem que reveses passageiros tenham alquebrado o nosso animo. Tomemos como exemplo os madrilenos, sitiados ha mais de um ano, e que nem sequer pensam em abandonar a cidade mas ajudam por todos os meios os defensores de Madrid. A luta será longa, penosa, mas acabaremos por vencer».

O incendio de Cha-Pei deminuiu. Diversos bairros, cujas casas foram pasto das chamas como se fossem palha, não são mais do que ruinas fumegantes. E' impossivel avaliar desde já os estragos, mas parece que se elevam a centenas de milhões de dolares chineses. Uma multidão enorme sem abrigo comprime-se a Oeste da Concessão.

A população chinesa de Changai está serena. Os jornais chineses comentam os acontecimentos de ontem, sendo unanimes em frisar que se não trata duma derrota chinesa, mas duma retirada estrategica, preparada de longa data para a nova linha de defesa.

O representante do Exercito japonês, falando aos jornalistas, disse que foram os chineses que lançaram fogo a Cha-Pei por meio de produtos incendiarios, com salitre de que se encontraram varios sacos nas proximidades da estação do Norte. Declarou mais que as perdas chinesas durante a retirada de ontem foram de dez mil homens, numero que considera inferior em 100 0/0 á realidade.

As autoridades da Concessão publicaram um comunicado dizendo que naquela zona foram admitidos ontem 20.000 refugiados.

De Toquio informam que os ministros da Guerra e da Marinha fizeram uma declaração comum a proposito de «a vitoria japonesa de Changai», advertindo a nação de que o facto de se terem repelido as forças chinesas não significa que esteja proximo o fim das hostilidades. «Pelo contrario—diz a declaração—ainda ha muitas dificuldades a vencer e é preciso esperar muito tempo antes de se conseguir solução completa da situação».

Os sovietes vão intervir?

BERLIM, 28. — O «Voelkischer Beobachter» informa de Moscovo que o marechal Bluecher, comandante chefe do exercito vermelho no Extremo Oriente, abandonou precipitadamente o seu quartel general. Guarda-se o mais rigoroso sigilo sôbre o fim da sua viagem, que desperta em Moscovo o maior interêsse, em virtude das ultimas derrotas sofridas pelas tropas chinesas. Como um representante do estado maior chinês se encontra ha dias em Ulan-Bater, capital da Mongolia exterior, presume-se que Bluecher seguiu igualmente para a mesma cidade. Friza-se que o comando do exercito vermelho no Extremo Oriente procedeu a uma revisão de armamento destas tropas e pensa-se que os preparativos dos quadros para a guerra estão agora terminados.

Acentuam-se igualmente os esforços realizados para levantar a moral do exercito e da esquadra sovietica no Extremo Oriente e assinala-se que 102 oficiais dessas forças receberam condecorações de primeira classe.—(D. N. B.).

Os jornais ingleses manifestam a sua simpatia pelos chineses

LONDRES, 28 — Os jornais publicam extensos relatos sôbre a situação no Extremo Oriente e não escondem a sua animosidade contra o Japão. O «Times» pensa que as dez semanas sangrentas de Changai constituirão, graças á resistencia heroica dos chineses, a base duma fôrça militar que a China não conheceu até hoje.

O «Daily Mail» lamenta não haver uma possibilidade de pôr termo ao conflito. Se esta guerra continua é muito provavel que a U. R. S. S. intervenha ainda mais intensivamente. Isto poderia levar facilmente a uma extensão de conflito.

O «News Chronicle» faz novamente propaganda da boicotagem economica contra o Japão.—(D. N. B.).

Medidas graves no Japão

TOQUIO, 28. — O jornal «Nichi Nichi» prevê a criação dum Grande Quartel General, ou instituição parecida, sob o comando directo do imperador, que se tornaria o organismo do Imperio destinado a tomar decisões supremas em materia de operações militares e da futura politica do Japão com relação á China. O jornal nacionalista «Kukumin», sob o titulo «O Japão quere um ditador», publica um artigo em que critica o principio Konoe por se mostrar disposto a entregar o poder nas mãos duma pequena oligarquia, quando é certo que o povo—diz—não se oporia a «um pulso» que garantisse a boa marcha dos destinos do Imperio.—(Havas).

Nas vesperas da Conferencia dos Nove

PARIS, 28. — A respeito da proxima Conferencia dos Nove, o «Echo de Paris» escreve: «Ha que recear que a Italia e a Alemanha abracem a causa do Japão com veemencia e que as repercussões do debate sôbre o povo niponico tenham por consequencia alinhar no futuro o Japão junto das duas ditaduras totalitarias e afastar do poder os diplomatas da velha escola que não cessaram de conter o partido militar para salvar o que podia salvar-se das antigas relações com a Europa ocidental».

Na «Oeuvre», madame Tabouis diz que «a conferencia procurará antes de mais nada suscitar a mediação para que a guerra acabe. Não é provavel, porém, que o Japão ceda, pois os homens de Estado da antiga escola são hoje literalmente suplantados pelos homens do partido militar. No entanto, se a China não fôr privada dos meios ordinarios de defesa não ha duvida que será o tumulo do Imperio Japonês. Pode dar-se mesmo o caso—como disse dão conta cartas particulares dalguns grandes homens de Estado japoneses, de ser a Republica japonesa que veja o fim da guerra se a China puder continuar a resistir».

A «Epoque» diz: «E' preciso nada descurar-se para apressar o fim da guerra. Não se trata de submeter desde já ás duas partes um projecto de acôrdo, porque isso seria tempo perdido. Procurar-se-ão em Bruxelas as modalidades duma solução pacifica para o futuro. As influencias das chancelarias poder-se-ão utilmente exercer quando o conflito estiver terminado no sentido de atenuar as condições impostas ao vencido».—(Havas).

O convite á Alemanha e á Russia

BRUXELAS, 28. — O governo belga de acôrdo com os signatarios do Tratado das Nove Potencias, convidou os governos do Reich e da U. R. S. S. para assistirem á Conferencia do Pacifico.—(Havas).

O transito de veículos

Na sessão de hoje na Camara Municipal foi resolvido que entre imediatamente em vigor a postura que determina que, nas praças e cruzamentos da via publica, os veiculos transitem sempre procurando dar a esquerda á parte central das mesmas, bem como ás placas, postos ou dispositivos analogos.

Policia de Defesa do Estado

Foi exonerado a seu pedido, do cargo de sub-director da secção de defesa politica e social da Policia de Vigilancia e Defesa do Estado, o capitão de cavalaria Antonio Joaquim de Castro Maia Mendes.

ARCADIA
AS MELHORES VARIEDARES

ARCADIA
AS MELHORES ORQUESTRAS

NO CEMITERIO DOS PRAZERES

O corpo do mecanico Lobato

foi hoje colocado no mausoleu construido por subscrição publica

Realizou-se hoje a trasladação, para o mausoleu construido, no cemiterio dos Prazeres, por subscrição publica, do corpo do desditoso sargento-mecanico da Aviação Antonio João Gonsalves Lobato, falecido em Viseu, durante a realização dum «rallye» aereo.

A's 11 horas, realizou-se a transferencia dos restos mortais, do jazigo onde se encontravam provisoriamente para a capela do cemiterio, onde se celebrou missa de sufragio.

A's 15 horas, já se encontravam no cemiterio dos Prazeres, o general Morais Sarmento, chefe do Estado Maior do Exercito, o general Domingos de Oliveira, governador militar de Lisboa, o coronel Pereira Coelho, em nome do general Daniel de Sousa, presidente da Camara Municipal de Lisboa; o coronel Ribeiro da Fonseca, director da Aeronautica Militar, o capitão-tenente José Cabral, director da Aeronautica Naval; o primeiro tenente Henrique Tenreiro, comandante da Brigada Naval da «Legião»; os comandantes de todas as unidades de Aviação e a quasi totalidade dos aviadores e mecanicos das aeronauticas militar e naval e muito povo.

Pouco depois, saiu o corpo da capela, coberto pela bandeira nacional, e precedido por alas de sargentos do Exercito, da Armada, da Guarda Republicana e da Guarda Fiscal e por duas carretas cheias de flores. Junto da urna, seguia a mãi do infortunado mecanico, sr.ª D. Rita Gonçalves, e atrás o pai, sr. José Gonçalves Lobato.

Junto do interessante mausoleu onde o corpo foi depositado, usou, em primeiro lugar, da palavra o sr. capitão-aviador Humberto da Cruz, companheiro de Lobato na viagem do «Dily» a Timor:

—Não quero ajustar-me á tradição que impõe o dever de gastar perdulariamente os adjectivos, em laudaticios mimos, quando se homenageia um morto. O meu temperamento e a memoria de Lobato não o consentem. De resto, não ha perda, pois que todos conhecem um pouco da sua personalidade, o suficiente para justificar esta manifestação funebre e este humilde mausoleu, que para muitos pareceu estranho e coisa de vulto, acostumados a prestar vénia á falsa indumentaria moral que reveste personagem taluda de felizes senhores.

Nêste momento, voaram demoradamente sôbre o mausoleu, juncado de flôres, três hidros do Centro de Aviação Maritima do Bom Sucesso.

Lembrou que foi nas colnnas de «O Seculo» que se iniciou a subscrição para o mausoleu, falando, a proposito, do sr. João Pereira da Rosa e do nosso presado camarada Mario Reis.

—Com Neto Portugal, furriel de Caçadores 5, surgiu a classe dos sargentos a manifestar a sua brilhante capacidade de pura camaradagem. Foi o grande empurrão. Atingiu-se o fim que se pretendia e que tão dificil, por vezes dolorosamente, se mostrou.

Agradeceu ainda a outras entidades, depois do que o sr. João Pereira da Rosa, ilustre director de «O Seculo», pronunciou as seguintes palavras:

—Encontramo-nos aqui para prestar a homenagem da nossa saudade e da nossa admiração a um português que, tendo vindo do coração do povo, soube honrar a sua origem, dignificando a sua raça e servindo com inexcedivel zelo, patriotismo e brilho a sua Patria. Homens destes exigem durante a vida, como depois de mortos, as homenagens fervorosas dos seus concidadãos em cuja alma a nobre faculdade de admirar não se tenha prematuramente extinto. O sargento Lobato—basta folhear a suabiografia, soletrá-la e procurar interpretá-la para se ter esta convicção—foi um predestinado. Nasceu para se engolfar pelos infinitos espaços, ouvindo as caricias aliciante dum motor de avião. Foi esse o seu prestigioso destino. Cumpriu-o até á morte. Foi um militar exemplar, e foi acima de tudo um exemplar português. Dir-se-ia que descendia em linha recta dos lusos que outrora se lançaram por esses mares, em busca de novos mundos para conquistar, para dominar e para civilizar. Veio num tempo em que os homens já tinham asas. E nessas asas, a que ele dava a vida com a sua ciencia de mecanico eximio, procurando que as ritmicas vibrações do seu motor nunca se alterasse, se ergueu um dia em demanda do longinqua Timor, o mais longinquo e talvez o mais misterioso pedaço de terra que Portugal possui nas infinitas amplidões oceanicas. O seu avião, auscultado por si, percorreu, nessa viagem ousada quasi 43.000 quilometros, uma linha mais comprida do que a do Equador. Havia um piloto habil a guiar esse mensageiro minusculo do genio lusitano. Aquele, porém, que soube interpretar os rugidos do pequeno monstro aflito e insuflar-lhe a vida necessaria para chegar ao fim, não pouca gloria cabe no exito dessa corajosa derrota aerea, digna dos navegantes que noutros tempos foram os primeiros homens brancos a pisar a ilha distante em que ainda agora tremula o pendão lusiada. Os povos têm por obrigação indeclinavel honrar os seus herois, impedindo que caiam no esquecimento aqueles que sabem conquistar-lhes riquesas materiais e espiritual, gloria, orgulho nacional e prestigio. O sargento Lobato pertence ao numero dos portugueses que, em todos os tempos, souberam bem servir a sua Patria e a sua Raça. Por isso, aqui nos encontramos nesta romagem de admiração e de saudade, a prestar á sua memoria a homenagem que lhe é devida. Que a vida deste rapaz, prematuramente ceifada por um destino obscurecido quando mais ridente se esperava que se mostrasse, sirva de exemplo a todos os que, dedicando-se ao serviço da Patria, por ela têm de fazer todos os sacrificios, sem excluir o da propria existencia.

Falou ainda, exaltando as qualidades de Antonio Lobato o furriel Netc Portugal.

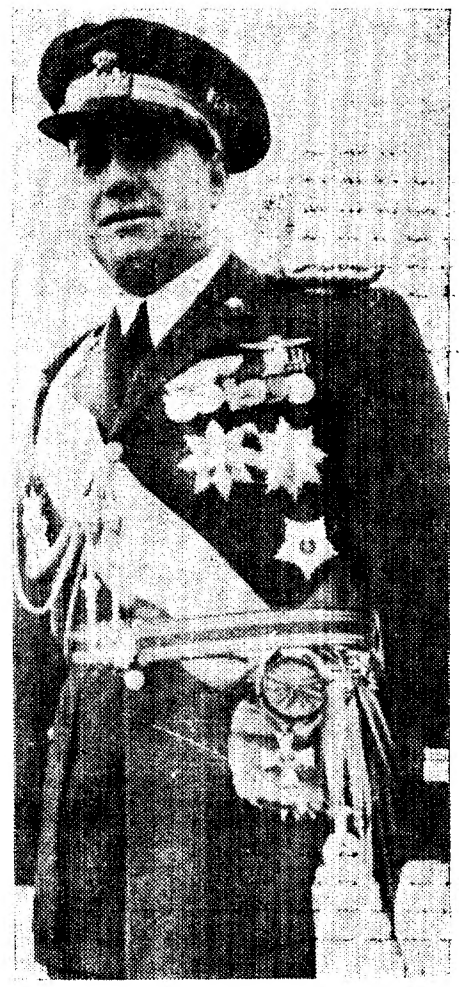
Dirigiu o funeral o sr. capitão Sardinha da Cunha.

Lanches para casamentos
PATISSERIE VERSAILLES

A ACTIVIDADE DIPLOMATICA

O conde Ciano vai a Bruxelas

a fim de liquidar as questões pendentes entre a Italia, a Inglaterra e a França



Conde Ciano

LONDRES, 28—Referindo-se á proxima reunião da conferencia de Bruxelas, o «Daily Telegraph» escreve:

«Eden e Delbos encontrar-se-ão em Bruxelas com o conde Ciano. E' evidente que se aproveitarão da ocasião para abordar, fora do programa da conferencia, as grandes questões europeias».

Aquele jornal pensa que em consequencia da crise ministerial belga, será necessario adiar novamente a conferencia.

O «Daily Express» informa que Eden quere discutir com o conde Ciano a questão das relações anglo-italianas e a situação no Mediterraneo. Presume-se que, em caso de acôrdo, a banca britanica fará á Italia um emprestimo para a exploração da Etiopia.

O «Daily Mail» atribui grande importancia ao encontro entre Eden e Ciano. Diz-se que Ciano será convidado, em nome do governo britanico a fazer uma viagem oficial a Londres. Nos meios diplomaticos há grande optimismo por causa da atitude conciliadora da Italia na comissão de não-intervenção.—(D. N. B.)

PARIS, 28—Com respeito á conferencia de Bruxelas, diversos jornais crêem que ela dará ocasião a tratar de outras questões, além da do Extremo Oriente, e esperam que isso permitirá a Eden conversar com os seus colegas italiano e alemão.

O «Daily Telegraph» crê que Von Neurath representará a Alemanha naquela Conferencia e friza que Eden não teve ensejo de se encontrar com o conde Ciano desde que este é ministro dos Estrangeiros da Italia.

O «Daily Mail» felicita-se igualmente pelas possibilidades de se realizar o encontro e crê saber que, se se celebrar um acôrdo de principio, o conde Ciano será convidado oficialmente a visitar Londres.—(Havas)

Que o conde Galeazo Ciano presidia a delegação italiana, enviada á Conferencia de Bruxelas para tratar as questões do Extremo Oriente, eis a indicação apropriada de uma carreira breve e triunfal.

O ministro dos Negocios Estrangeiros de Roma iniciou em Changai a sua actividade diplomatica. Consul geral nesta cidade, em 1930, não faltou quem considerasse, nessa altura, a sua nomeação como um presente de nupcias. O conde Galeazo Ciano, membro duma nobre familia romana, completara vinte e sete anos e acabava de casar com Edda Mussolini.

Um ano depois, o joven diplomata que se especializara no estudo dos problemas do Extremo Oriente, conquistava o posto de Encarregado de Negocios. Sucessivamente delegado á Conferencia sino-japonesa para liquidar os incidentes de Changai de 1932 e presidente da Comissão de inquerito enviada pela S. D. N. para liquidar a campanha da Manchuria, Ciano terminou a sua passagem pelo Oriente com a categoria de ministro plenipotenciario e com a reputação de negociador habil e persuasivo.

O Duce não se esquece facilmente de que o pai de seu genro, o almirante Constanzo Ciano, foi um dos primeiros chefes da armada italiana e um dos primeiros fidalgos da Italia que se proclamara adepto entusiasta do fascismo de essencia popular; e de que o conde Galeazo, rapidamente consagrado como jornalista nas colunas da «Tribuna» e do «Impero», iniciara a sua actividade oficial inscrevendo-se no fascio do bairro em que nascera.

De 1933 a 1935, o genro de Mussolini prepara-se para desempenhar um papel de primeiro plano nas negociações diplomaticas, que se anunciam dificeis. O ministerio da Propaganda, que estabelece o contacto directo e intimo entre a politica interna e o palacio Chigi, viu-o sucessivamente ocupar os postos de chefe dos serviços de Imprensa, subsecretario e ministro.

Em 1935, o ministro da Propaganda de Roma transformava-se em oficial aviador, dos primeiros a embarcar para a Etiopia, á frente da esquadrilha «Desesperada».

Terminada a campanha, Ciano aparecia nomeado para dirigir a pasta dos Negocios Estrangeiros, que Mussolini confiara apenas, até ali, ao seu mais intimo prestigioso colaborador, Dino Grandi.

A Italia liquidava o ciclo genebrino da sua acção externa. Com a fundação do Imperio e a organização de uma poderosa força militar, preparava-se para empreendimentos mais vastos. O barão Aloisi, elemento de ligação utilizado pela sua experiencia entre Roma e Genebra, cedia o seu lugar a um diplomata de trinta e dois anos, que era, ao mesmo tempo, um servidor e um realizador da idéa imperial. Galeaso Ciano, genro e discipulo dilecto do Duce, ocupava, com a direcção dos negocios externos da Italia, a função de enviado extraordinario e embaixador do chefe do fascismo.

Nas capitais dos países balcanicos e da Europa Central a sua figura tornou-se familiar. Os acôrdos de Roma e de Belgrado, bem como o eixo Roma-Berlim tiveram nele um artifice tenaz e decidido.

Agora Mussolini escolhe-o para esclarecer as relações com a Gran-Bretanha e liquidar os ultimos incidentes com a França. Trata-se de uma tentativa para fazer ressurgir o Pacto dos Quatro? A indicação do nome de Galeazo Ciano para ir a Bruxelas é uma garantia segura de que o chefe da Italia Nova deseja inspirar directamente as negociações que se preparam e de cujo exito dependerá a manutenção da paz europeia.

RETIRO DA SEVERA
Maria do Carmo Torres, Adelina Silva, Raquel de Sousa, Alfredo Duarte (Marceneiro), José Tovar, Julio Duarte, Alfredo Costa, concertista de viola.

Retiro da Severa (Cine-Rex)
Rua da Palma
Maria Emilia Ferreira
Carmen Santos
Julio Proença
Augusto Pereira
ENTRADA FRANCA

ALUGA-SE
Rez-do-chão e cave
Av. Antonio Augusto de Aguiar, 18

Negresco — Restaurante
Os melhores Mariscos

TAPETES PORTUGUESES
Ninguem compre sem visitar a interessante exposição da *Casa de Artigos Regionais* — Arte e Ménage—Alecrim, 71, 1.º—Telef. 2 0711.

Negresco — Restaurante
O melhor serviço

ROYAL EXCHANGE ASSURANCE CORPORATION

Agencia Geral em Portugal — Rua Aurea, N.º 87, 1.º — LISBOA

Balanço Geral de 31 de Dezembro de 1936

RESUMO

ACTIVO			PASSIVO		
Emprestimos, Papeis de Credito e Propriedades...	£	20.873.136. 1. 1	Capital Autorisado £ 2.000.000. 0. 0		
Devedores e Credores e Agentes	»	1.749.137.11. 5	Capital Realizado	£	946.977.17.10
Recibos Pendentes de Cobrança	»	85.563. 9. 5	Reservas Diversas	»	19.886.853.18. 0
Juros, Dividendos e Rendas	»	272.658. 4. 9	Letras a Pagar...	»	854.14. 3
Selos	»	1.093.10. 8	Devedores e Credores	»	956.493. 5. 1
Caixa e Depositos á Ordem	»	509.629. 4.10	Ganhos e Perdas...	»	1.100.038. 7. 0
Total	£	22.891.218. 2. 2	Total	£	22.891.218. 2. 2

BRITISH TRADERS' INSURANCE COMPANY LIMITED

Agencia Geral em Portugal — Rua Aurea, N.º 87, 1.º — LISBOA

Balanço Geral de 31 de Dezembro de 1936

RESUMO

ACTIVO			PASSIVO		
Emprestimos, Papeis de Credito e Propriedades...	£	927.202.13. 2	Capital autorisado £ 1.000.000. 0. 0		
Devedores e Credores...	»	83.046.12. 4	Capital Realizado	£	192.000. 0. 0
Juros e Dividendos...	»	8.807. 9. 3	Reservas Diversas	»	775.560. 8.11
Caixa e Depositos á Ordem	»	140.697. 0.11	Dividendos a Pagar	»	130.18. 0
			Devedores e Credores...	»	44.321. 4. 6
Total	£	1.159.753.15. 8	Ganhos e Perdas...	»	147.741. 4. 3
			Total	£	1.159.753.15. 8

CAMPOS & C.ª
Vila Nova de Gaia
— os melhores —
VINHOS DO PORTO

ESTRANGEIRO

SATURIO PAIVA
Da Escola Dentaria de Paris
RETOMOU A CLINICA
Doenças da bôca e dos dentes—Prothese —Orthodoncia
R. Santa Justa, 60-2.º
Telef. 2 4300

O "Premio Camões,,

ROMA, 28.—Foi tornado publico pela Legação de Portugal que o Secretariado da Propaganda Nacional, de Lisboa, abriu concurso para a atribuição do «Premio Camões», destinado a recompensar a melhor obra literaria ou cientifica de autor estrangeiro sobre Portugal. O premio, a distribuir em anos alternados, a começar no actual, é de 20.000 escudos, e será entregue em Lisboa ao galardoado, que para isso será convidado a ir á capital portuguesa.—(Americana).

NOTICIAS DO BRASIL

Julgamento de comunistas

RIO DE JANEIRO, 28—Das 75 pessoas implicadas no movimento comunista de novembro de 1935 e julgadas pelo tribunal especial 8 foram absolvidas. As restantes 67 foram condenadas a penas que variam de 5 a 8 anos de prisão.—(Havas)

Ministro francês ferido

num desastre

LAON, 28—O ministro da Agricultura, Monnet, ficou ferido num acidente de automovel. Regressou a Paris.—(Havas)

O rei da Grecia vai a França

PARIS, 28. — Riviére, ministro das Pensões, declarou ao regressar da Grecia que o rei Jorge lhe disse que visitará brevemente a França.—(D. N. B.).

Opinião do «Times»

sobre as reivindicações coloniais alemãs

LONDRES, 28.—Comentando as reivindicações coloniais alemãs o «Times» escreve: «Não se pede que as clausulas de Versailles sejam mantidas em todos os seus detalhes ou que seja posta de parte uma revisão. A Inglaterra orgulha-se da sua administração colonial, mas será verdadeiramente uma hipocrisia afirmar que nenhum outro pais europeu é capaz da mesma cousa. Facilmente se podia conceder á Alemanha a possibilidade de colonizar-se, pela acção de 3 ou 4 potencias coloniais, se lhe desse em Africa um territorio de actividade. A opinião britanica está convencida de que um acôrdo com a Alemanha asseguraria a paz muito mais de que qualquer outra tentativa britanica. A Inglaterra não simpatisa muito com as sugestões continentais para encerrar a Alemanha a-fim-de impedir este pais de se expandir para além das suas fronteiras marcadas em Versailles. A Inglaterra deve resolver-se a fazer um esforço com o fim de realizar um entendimento antes que seja tarde de mais. Não ha nenhuma razão para impedir uma discussão amigavel no quadro geral das reivindicações coloniais alemãs. Mas é necessario, antes de mais nada, voltar aos metodos politicos normais e o conflito espanhol deve ser regulado antes de tudo. Então, a atmosfera estará bastante calma para outras questões serem abordadas. A Alemanha faz prova de sabedoria recusando-se deixar-se arrastar seriamente pelo conflito espanhol. Assim, a Espanha não constitui um obstaculo intransponivel no caminho do melhoramento das relações anglo-alemãs».—(D. N. B.).

Os protectorados indigenas

da Africa do Sul

LONDRES, 28.— De Bloomfontein, (Estado Livre de Orange), comunicaram á Reuter que o primeiro ministro da Africa do Sul, general Hertzog, discursando no Congresso do Partido Unido do Estado Livre de Orange, declarou estar convencido de que os protectorados dos indigenas passam num futuro proximo, a ser fiscalizados pela União da Africa do Sul, com o consentimento do governo britanico. Foi aprovada por unanimidade uma moção nesse sentido.—(Havas).

A DEFESA NACIONAL BRITANICA

Recrutamento para o exercito inglês

LONDRES, 28—As estatisticas do ministerio da Guerra indicam que o recrutamento para o exercito regular na ultima semana foi de 620 mancebos contra 332 em igual periodo do ano passado.—(Havas).

Fabrica de munições

LONDRES, 28.—O ministerio da Guerra decidiu encarregar a Imperial Chemical Industriels Ltd. de criar uma fabrica de munições em Swansea.—(Havas).

Inundações em Batavia

BATAVIA, 28.—Em consequencia das inundações que se produziram perto de Panja Boengan (Ilha de Sumatra), morreram 40 pessoas e ficaram feridas dezenas. A força das aguas destruiu uma ponte e muitas casas. A circulação está interrompida em Padang e Medun.—(Havas).

A direcção do Banco de França

PARIS, 28—«L'Epoque» informa que Bonnet, ministro das Finanças, informará brevemente o conselho de ministros sobre uma modificação no pessoal do Banco de França. Presume-se que Jacques Rueff ou Bijot, director das contribuições directas, será nomeado vice-governador do Banco.—(D. N. B.)

A Armada germanica

HAMBURGO, 28—Nos estaleiros de Blohm und Voss, realiza-se amanhã á tarde o lançamento á agua do terceiro veleiro-escola da marinha de guerra, com a presença do comandante supremo da Armada, almirante-general dr. Raeder.—(D. N. B.)

A reorganização federal da India

CALCUTA', 28—O partido congressista aprovou uma moção declarando que se opõe resolutamente ao plano de organização federal na India, pois isso «aumentaria a sujeição da India ao dominio imperialista».—(Havas)

O comunismo na Polonia

VARSOVIA, 28—A Policia efectuou ontem numerosas buscas e apreendeu uma grande quantidade de panfletos comunistas. Foram efectuadas vinte prisões. Entre as pessoas presas contam-se os judeus Hawa Feller, Ischec Idelec e Rosa Rotinenberg.—(D. N. B.)

Morte de uma benemerita

VEVEY, 28—Anuncia-se o falecimentoto de Madame Elisa Ruperti Alexandrovitch, personalidade muito conhecida da antiga aristocracia russa, grande filantropa, e irmã de Nicolau Alexandrovitch, o qual foi durante muitos anos «maire» de Moscovo. A falecida era tambem irmã da fundadora e directora do Orfanato de Moscovo e que veio viver para a Suiça depois da revolução russa. Madame Alexandrovitch costumava fazer frequentes estadias em Cannes onde fundou uma sociedade de socorros aos russos e um asilo para crianças.—(Havas)

As greves no estrangeiro

LONDRES, 28.—2.000 aprendizes dos dois sexos, que estavam em greve nas fabricas metalurgicas dos bairros excentricos a sudoeste de Londres-Charlton e Wollwich, resolveram retomar o trabalho. Pediam o aumento de 3 chelins por semana e o direito a negociar com o patronato por intermedio dos sindicatos. Entabular-se-ão negociações a esse respeito com os patrões assim que recomece o trabalho.—(Havas).

Uma caneta de tinta permanente

salvou um homem de morrer com um tiro

O correspondente do «Diario de Noticias» em Oliveira do Bairro publicou, sob a epigrafe acima, em 20 do corrente, um caso muito curioso: «Quando o sr. Eleuterio de Carvalho, secretario da delegação da Junta Nacional do Vinho naquela vila, enchia de ar a camara da sua bicicleta, caiu-lhe ao chão a pistola de que estava munido, disparando-se. A bala perfurou-lhe o bolso superior do casaco, á altura do coração, e só o não matou instantaneamente **por ir embater em cheio numa caneta de tinta permanente, usualmente conservada naquela bolso».**

Quem leu esta noticia teve uma justificada curiosidade em saber a marca da caneta que ofereceu tamanha resistencia ao projectil. Vamos satisfazer a curiosidade do leitor. A acreditada firma desta praça, Felisminos & Machado, Ld.ª, representantes exclusivos para Portugal de «The Conklin Pen Company», escreveu-nos dizendo ter recebido nas suas Oficinas a caneta CONKLIN que evitou tal desastre, e, com ela, uma carta do Sr. Eleuterio de Carvalho, na qual se diz, textualmente, o seguinte: «**Há dias, pelo facto de me ter caido da algibeira uma pistola, foi uma caneta Conklin que me salvou a vida, pois a sua resistencia foi tal que agarentou o projectil**». A caneta despedaçou-se, mas ofereceu tamanha resistencia ao projectil que este caiu dentro do bolso sem penetrar no corpo.

E' muito interessante acentuar este caso, pois ele constitue mais uma justificação das afirmações da CONKLIN, **que tem sempre dito que, normalmente, são inquebraveis as suas canetas.** Uma queda, por grande que seja, não danifica a caneta Conklin, pela grande resistencia do seu material.

Relatando o caso, que acima ficou expendido, satisfazemos a curiosidade do leitor.

CASA
PALMARES
PARA
TRESPASSE
LIQUIDAÇÃO
DE TODA A EXISTENCIA
OS
FAMOSOS
CHAPEUS
DA
CASA
PALMARES
A ESC.
40$
50$ 60$ 80$
OS MELHORES CHAPEUS
ESTRANJEIROS que
custavam 180$ 170$ e 160$
custam 140$ 130$ e 120$
GRAVATAS LUVAS PERFUMES
e lindas NOVIDADES para uso
pessoal e para brindes
R. do OURO, 257

A ponta da lingua revelará
a sua suavidade . . . a vossa
garganta dirá que êles são
CRAVEN "A"
CIGARROS 100% VIRGINIA
Especialmente fabricados para evitar afecções de garganta
CARRERAS, LTD. LONDRES
150 anos de reputação, pela sua magnifica qualidade

A Exposição de Paris
Nove dias de excursão — 6 dias em Paris
TODA A VIAGEM POR CAMINHO DE FERRO
em carruagens especiais reservadas — Lugares marcados — 2.ª Classe e Hoteis de 1.ª ordem — Tudo compreendido mesmo o passaporte Escudos 1.390$00 — Programas completos, informações e inscrições na acreditada: EUROPEIA, Agencia Turistica, Praça dos Restauradores, 13 — LISBOA — Telefone 2 2188 — Ultima e unica ocasião para visitar a Exposição Universal e a capital francesa, com as mais vantajosas e confortaveis condições. Partida em 7 de Novembro. Inscrições até ao dia 3 (o mais tardar).

Beiriz e Arraiolos são duas marcas de tapetes consagrados. Só vende Quintão.
Rua Ivens, 32

Guarda-livros
Dactilógrafos
Estenógrafos
Ensino individual perfeito
Escola Comercial Portuguesa
Rua do Arsenal, 54, 3.º-Lisboa

ACADEMIA DE CÓRTE GEOMETRICO
"SISTEMA MAGUIDAL"
Rua da Palma, 219 - 2.º Telefone 2 1966
Cursos de córte de fato para homem, individuais e colectivos
MATRICULAS ATÉ 30 DE OUTUBRO
Cursos por correspondencia Matriculas permanentes

ELIMINE OS PELOS
COM
A LUVA DEPILATORIA
SENHARIGILO
Processo moderno
Eficacia absoluta
Fazem-se demonstrações
A' venda nas boas casas
DISTRIBUIDORES:
VIALIS, L.DA
R. Fanqueiros, 62, 1.º, E.
LISBOA
Tel. 29434

Pensão Liége
200$00 e 236$00
Diária 8$00 — Almoço 4$00 — Jantar 4$50
Comer até satisfazer
Rua Bica Duarte Belo, 72 — Telefone 25860

A melhor decoração?
Papeis Pintados
Onde comprar?
Soc. Decorações L.ª
Restauradores, 19
Tel. 2 563 — (Edificio Eden)

ULTIMAS NOTICIAS

Supersom
RADIO
Em exposição os famosos modelos 1938
Rua da Conceição. 35. 1.º

A GUERRA CIVIL EM ESPANHA

Toda a esquadra nacionalista vai ser empregada

no bloqueio efectivo do litoral vermelho

PALMA DE MAIORCA, 28.—Anuncia-se que a frota nacionalista vai iniciar o bloqueio da costa espanhola republicana, desde a fronteira francesa até Almeria.—(Havas).

Os nacionalistas têm agora muito mais probabilidades de efectuar um bloqueio apreciavel, porque reunem á divisão naval do Mediterraneo, a maior parte dos elementos constitutivos das forças navais do Cantabrico, onde a acção militar terminou.

O bloqueio nacionalista poderá agora ser efectuado com dois cruzadores de 10.000 toneladas, um de 7.000, um contra-torpedeiro, três pequenos torpedeiros, três canhoneiras e um grande numero de vapores de pesca armados, cujo raio de acção não lhes permitirá, porém, actividade em zonas muito extensas. Poderemos ainda adicionar a estas unidades, dois ou três submarinos, de que os nacionalistas dispõem presentemente.

Reunião do governo de Valencia

VALENCIA, 28. — Os ministros reuniram-se ontem das 17 ás 23 horas. Estudaram as relações com os governos autonomos. O conselho aprovou varios decretos urgentes e ratificou diversas sentenças de morte.—(Havas).

Rebentaram graves tumultos em Madrid?

PARIS, 28. — Informam de Madrid que em consequencia da passagem de companhias inteiras para o campo inimigo se deram novas perturbações em Madrid. Nas ruas da capital travaram-se verdadeiras batalhas. Os aviões nacionalistas lançaram panfletos anunciando a tomada de Gijon, e logo depois deram-se novos incidentes.

A policia foi agredida a tiro por individuos escondidos nos telhados e nas caves das casas. Em varios bairros da cidade reina uma confusão indescritivel. A população civil recusa-se a evacuar Madrid. Têm sido efectuadas numerosas prisões.—(D. N. B.).

Chove na Catalunha

SALAMANCA, 28. — Informam de Barcelona que em consequencia das chuvas torrenciais, varios cursos de agua da Catalunha inundaram os terrenos proximos. Estão interrompidas as comunicações ferroviarias entre numerosas localidades. As aguas arrastaram uma ponte na região de Balaguer. O trafego com a França foi interrompito tambem nesta região.—(D. N. B).

Queda dum avião em França

Paris, 28.—Um avião de caça governamental espanhol, despenhou-se ontem no solo, pouco depois de ter levantado vôo no aerodromo de Touluse. O avião queria seguir para a Espanha. Ficou completamente destruido.—(D. N. B.)

O auxilio dos trabalhistas ingleses

LONDRES, 28. — A comissão executiva nacional do partido trabalhista resolveu activar a campanha a favor das vitimas da guerra espanhola. Decidiu tambem que o proximo Congresso do Partido se realize em 1939.—(Havas).

Feridos nacionalistas recebidos pelo Duce

ROMA, 28.— Mussolini recebeu hoje no Palacio Veneza os 19 oficiais feridos na Espanha nacionalista, que se encontram actualmente em Italia a descansar e aos quais manifestou a sua simpatia mais cordial.—(D. N. B.)

Uma questão entre socialistas e comunistas franceses a proposito da Espanha

PARIS, 28.—Reuniu-se ontem á noite a comissão administrativa permanente do partido socialista. Aprovou uma moção relativa á proposta feita pelo partido comunista em 22 do corrente para uma acção comum a favor dos asturianos. A moção, diz entre outras coisas: «Sob a capa de unidade de acção e sob a capa de auxilio á Espanha republicana, a proposta constitui nada menos que uma critica aspera e injusta á politica do partido socialista na questão de Espanha. Não deixa duvida a nenhum homem de boa fé que é o proprio partido socialista que a proposta visa a desacreditar através dos seus delegados nos dois governos de Frente Popular. Isto não pode continuar. Desde o principio da guerra atroz de Espanha, o partido socialista cumpriu todo o seu dever de solidariedade como partido e dever de justiça e humanidade como associado na direcção dos negocios publicos».

A comissão aministrativa permanente refuta seguidamente a «lenda do bloqueio de Espanha» pois o abastecimento de viveres e medicamentos nunca foi interrompido, a «lenda das Asturias abandonadas», pois o governo da Frente Popular deu ao problema da evacuação toda a compreensão e humanidade que podiam esperar os asturianos e a «lenda da expulsão em massa». Os 45.000 refugiados não foram expulsos, mas repatriados de pleno acôrdo com o chefe do governo espanhol. Todos de resto, não eram republicanos, pois exactamente 22.750 regressaram a zona nacionalista.

A moção conclui: «E' pois irrisorio formular uma proposta para a unidade de acção em termos que implicam uma acusação feita ao partido socialista, com o qual se pretende querer colaborar. A comissão administrativa permanente reivindica inteiramente para si a primeira resposta dada em 23 de outubro pelo secretario geral do partido e espera que o presente esclarecimento ponha termo ás praticas prejudiciais á unidade de acção, assim como abra uma era nova nas relações fraternais que devem existir entre os partidos comunista e socialista».—(Havas).

Os trabalhos da Comissão de Londres

PARIS, 28. — Voltando a ocupar-se da comissão de não-intervenção, «L'Ere Nouvelle» escreve: «Avança-se lentamente, mas está-se no ponto em que as coisas, em vez de estarem num antagonismo irredutivel, parecem poder-se conciliar. E' uma questão de boa vontade, sobretudo se se não misturarem as ideologias».

O «Peuple» escreve: «Nada está resolvido—nem o restabelecimento da fiscalização, nem o modo de retirada dos voluntarios, nem a concessão da beligerancia, nem mesmo a ordem em que as questões poderão ser tratadas. Não se pode mesmo falar de resolução aprovada: é uma mixordia em que a confusão não é talvez involuntaria. A comedia, porém, é tragica».—(Havas).

Comentarios em Londres

LONDRES, 28.—A Imprensa quasi não comenta os trabalhos da comissão de Londres, com excepção do «Daily Herald», que procura explicar a atitude de mudança da Italia e da Alemanha pelo desejo de isolar a Russia. O mesmo jornal crê que a Alemanha e a Italia procuram fazer reviver na propria Comissão a idéa do pacto dos quatro. «A Italia e a Alemanha cessaram a sua oposição a-fim-de fazerem de Maiski o unico oposicionista. A coisa pode ir mais longe, pois a Alemanha, se não a Italia, estará disposta a sacrificar Franco para ressuscitar o pacto dos quatro e isolar a Russia».—(Havas.)

O principe alemão de Waldech

prestou esta tarde homenagem ao seu avô, no cemiterio dos ingleses

O principe alemão de Waldech que, em viagem de ferias, resolveu fazer cruzeiro no Mediterraneo, passou hoje em Lisboa, a bordo do paquete «Milwanke».

O principe de Waldech exerce actualmente, na Alemanha, as funções de chefe supremo da S. S., isto é, da tropa de protecção ao partido nacional-socialista.

Esta alta individualidade aproveitou a oportunidade da sua passagem por Lisboa para visitar a campa de seu avô, o general alemão principe Cristiano Augusto, que chegou a Portugal, em 1897, contratado para coadjuvar o duque de Lafões no comando do Exercito.

Cristiano Augusto morreu pouco depois, ficando o seu corpo depositado em jazigo, no cemiterio dos ingleses.

Hoje, o seu neto prestou-lhe uma sentida homenagem, depondo no seu jazigo uma corôa de flores.

O principe Waldech chegou ao cemiterio, acompanhado de sua esposa, a filha do granduque de Oldenburgo, que reinou até 1918, do barão de Hoyningen-Huene, ministro da Alemanha, e sua esposa, do coronel Ferreira Lima director do Arquivo Historico Militar, e dos srs. Berner e Roth.

MAXIM'S Hoje — Quinta-feira, 27 — Hoje
APRESENTAÇÃO DE NOVOS NUMEROS DE VARIEDADES
pelas artistas **Happy Sisters — Duo Welcron — Ester Toledo — Maria Jessipowa**
Novos tangos pela **Orquestra Urceira** abrilhantados por deslumbrantes efeitos de luz.

Ia comprar um carro

em segunda mão

e foi preso por malfeitor

Há dias os jornais publicaram o anuncio da venda de um automovel de luxo, na rua do Arsenal, 146. Entre outros, foi ali Alfredo Lameiras, que teve uma recepção glacial. As pessoas que o atenderam, ao que parece, desconfiaram dele. Examinaram-no dos pés á cabeça e uma delas, depois duns momentos de hesitação, disse:

—Deve ser engano... Aqui não se vende nenhum carro.

O pretendente pediu desculpa e retirou-se. Uma vez na rua fixou novamente o numero da porta e verificou que o numero era o mesmo do anuncio.

Voltou a entrar e insistiu para ver o automovel. Fizeram-lhe diversas preguntas e por fim pediram-lhe os documentos. O Lameiras mostrou-os.

Os vendedores, porém, cada vez mais desconfiados, resolveram chamar um policia e prender o pretendente ao carro. Uma vez na esquadra revistaram-no, sendo-lhe encontrado o recorte dum jornal de 11 de outubro de 1935, que noticiava a prisão de Mauricio Rodrigues, conhecido pelo «Mercurio» e duma mulher, de nome Narcisa Torres, em Casablanca, que haviam assaltado naquela cidade um cobrador, para lhe roubarem 5.000 pesetas. Foi-lhe tambem encontrada uma carta do Mauricio Rodrigues em que este lhe agradecia o envio de 120 pesetas.

O preso foi enviado para o Torel, onde foi interrogado pelo agente Afonso.

Declarou que a carta que lhe fôra encontrada dizia respeito ao pagamento duma divida que havia contraido quando esteve em Marrocos hospedado numa pensão que pertencia ao «Mercurio». Sôbre a projectada compra do automovel respondeu que era uma pessoa das suas relações que o encarregará do negocio para andar com ele na praça e assim o ajudar, visto encontrar-se há tempo sem trabalho. As investigações prosseguem para esclarecimento do caso.

O mar arrebatou 3 tripulantes

de um vapor iugoslavo

Arribou esta madrugada ao Tejo o vapor iugoslavo «Slava», que vem de Buenos Aires e se dirige a Antuerpia carregado de cereal. Há dois dias, quando passava a oeste do cabo de S. Vicente, devido ao temporal, o mar arrebatou-lhe três tripulantes no mesmo dia.

Um contra-mestre foi de encontro á balaustrada e partiu uma perna. Desembarcou em Lisboa e recolheu ao hospital de S. José. O barco seguiu viagem.

D. Maria do Carmo Fragoso Carmona

Passa hoje o seu aniversario natalicio a sr.ª D. Maria do Carmo Fragoso Carmona, esposa do Chefe do Estado. Por esse motivo, estiveram durante o dia na cidadela de Cascais numerosas pessoas, entre as quais muitas senhoras, a apresentar-lhe cumprimentos.

Ao fim da tarde, o sr. general Carmona e sua esposa ofereceram um «chá» a muitas pessoas das suas relações.

Teatro Nacional
HOJE, ás 21 e 30
LOUCURA DE AMOR
(Joana a louca)
com AMELIA REY COLAÇO na protagonista

Barbosa & Costa L.da
Largo R. Bordalo Pinheiro, 7 a 11
apresentam o novo tapete HALCÁ
O melhor tapete Portuguez
com preços de concorrencia
Grande stock
Telefone 23562

MOBILIAS DA GRANJA
Se V. Ex.ª vai mobilar s/ Casa visite primeiro as n/ exposições de mobilias e tapetes, onde encontrará sempre os mais belos modelos. C. Sacramento, 6 (ao Chiado) Lisboa

COMENTARIOS SIMPLES

PAGINA DE QUINTA-FEIRA

por NORBERTO DE ARAUJO

Ritmo da vida

O ritmo não é a monotonia.

Que monotonia significa estiolação e barbarie.

O ritmo, dos homens e das cousas vivas, é dado á imagem e semelhança da vida.

E por isso um ritmo é harmonico, igual a si, e o ritmo é desigual e desencontrado, quero dizer, o seu paradoxo: harmonico.

Sais de casa de manhã cedo, que é a hora em que tudo se vê, ou os nossos olhos vêem tudo.

Os homens vão apressados, mas dentro da sua pressa o ritmo é vario, conforme as condições fisicas do viandante e segundo a sua indole.

Ha os que não têm pressa — e a razão da caminhada é a mesma: tocou para todos o mesmo apito dos dez minutos que precedem o silvo do trabalho. Mas vão lentos. E' que dentro deles ha um outro ritmo.

Os carros vão uns depressa outros de vagar, em circunstancias identicas, de condutor, de passageiro de motor: é que aquele homem tem pressa de chegar mas não tem pressa na longada; é que aquele motorista tem menos nervos do que esse outro que fez agora a ultrapassagem, sem levar ninguem dentro do carro; é que o proprio motor de força e serie igual — é assim mesmo, ritmado por uma especie de filosofica indiferença.

Cada um ritmo, independente do concerto desconcertante da vida — é normal; mas o ritmo do conjunto esse é fatal e gloriosamente dissonante.

Já pensaram que seria as pessoas a andarem todas com o mesmo passo e os carros a andarem sempre com o mesmo andamento?

Os dias são agora mais pequenos, e em relação uns aos outros, dentro das leis cosmicas inflexiveis, o seu ritmo é bem diferente.

E os corações não batem da mesma maneira. Carlos V não acertou nunca os seus relogios; não acertam jamais o coração dos homens.

Por isso penso — que só a agitação é saudavel. Ha na calma das cousas vivas um principio de inercia revoltante.

Se a vida é uma sinfonia, de dôr que ela seja, deliciemo-nos nos seus andamentos.

* * *

Na apresentação do Cinema Brasileiro, e pela voz de oiro de Ilda Stichini, João de Barros ontem disse:

«No seu infatigavel desejo de conhecer-se a si proprio», de dar consciencia, sentido, e formas brasileiras a tudo quanto imagina, quere, pretende, anseia — esse crisol de prodigios, jovem na alma, experimentado no saber (o Brasil) é a esperança porventura maior da ambicionada renovação do mundo». A conclusão é singularmente verdadeira, mas eu gloso apenas o sublinhado inicial.

Em tudo quanto produz, para si e para o exterior, o Brasil procura «conhecer-se a si proprio».

Não sei de melhor definição de um nacionalismo forte, sadio, glorioso.

«Conhecer-se a si proprio», de preferencia a dar-se a conhecer aos outros.

Que importa que os outros nos conheçam, senão nos conhecemos?

E' por isso que muitas vezes os povos exportam — o que não é seu. E produzem dentro de si o que é alheio. E falam na sua lingua pensando em lingua estrangeira.

Conhecer-se a si proprio não é conhecer, apenas, o passado: é entendê-lo. Nunca corrigi-lo.

«Faze mais aquilo que souberdes» — escreveu Camões. Que é como se dissesse: «não faças aquilo que não está na tua indole».

Conhece-te a ti proprio. Para corrigir os teus defeitos escusas de apregoar que os tens; basta que tu o saibas.

De resto, os defeitos são quasi sempre o reverso das qualidades; a «double» face que dá a cruz sem a qual não seria possivel a corôa.

Sinto, por isto, que toda a produção da ciencia á arte, da especulação mental á aplicação manual, deve tender para o conhecimento previo de nós proprios.

Tratava-se de uma arte mecanica, aplicada, de uma arte muito relativa, que quanto mais arte pura comporta menos se acomoda ao interesse especulativo mas legitimo: o cinema.

João de Barros, penetrante espirito observador, critico por intuição que não por profissão, aproveitou o lance e generalizou.

Reputo lapidar o conceito, e aqui, neste suburbio da cidade, que é um jornal, o apregôo, á luz discreta do meu lampeão ainda de azeite.

Tudo quanto produzimos deve ser orientado no sentido de nos conhecermos a nós proprios, homem e patria, flôr e raís, realidade e possibilidade.

Se por esse mundo fora o nacionalismo não andasse doente de brotoeja, tratada por muitos medicos e por alguns curandeiros, nós, que somos orgulhosamente nacionalistas, desse nacionalismo que até em Portugal chegou ao universalismo — aconselhariamos o remedio.

Conhece-te, povo; estuda-te, cidadão; enraiza-te, artista. Não cáias no ritmo internacional, no paralelismo arido das simpatias.

* * *

Luiz Teixeira escreveu no seu tão pessoal realismo contingente, mas de uma tão pulida beleza, onde a ironia nem sequer pretende ser discipula do Eça:

—O poeta sonha. O arqueologo ressona.

A frase não é para deitar fora, porque nós sabemos onde Luiz Teixeira quere chegar, e ele o diz mesmo: prefere a poesia. Fatigam-no os sabios.

Tambem a nós.

Simplesmente o sabio tambem tem um ideal, e o arqueologo tambem é um poeta. Não apenas é poeta porque compôs versos. Mas porque a sua alma é de poeta. E de poeta—delicado!

E' bem gracioso aquele capitulo, creio que o de abertura da «Categoria literaria das cidades». (Assim se chama a obra).

Mas eu estou apenas a trabalhar na frase: o poeta sonha; o arqueologo ressona.

Ressonar tambem é dormir bem; ressonar não implica em absoluto a carencia de sonho—digo eu que não ressono nem sou arqueologo.

O mundo dos arqueologos que o jovem escritor—cuja individualidade já se criou, em diferenciação—visiona: uma velha pedra carcomida, duas palavrinhas em latim, um guarda-pó, um chapeu de sol, é o mundo afinal do autor, o nosso mundo. E' que uns procuram-no em caminho de ferro ou em transatlantico, e a outros a mala posta, a carripana de correia e o andar a pé—chegam-lhes.

E sobra!

Sobra para que o ritmo da sua vida se integre no grande comum das cidades, e nos permita—como diz o dr. João de Barros—conhecer-nos...

Um poeta ignorante, caro Luiz Teixeira, a unica cousa que pode fazer é bons livros. Mas lindos versos—nunca.

A ignorancia aqui não é a das letras: é do ritmo da vida.

* * *

Olhem: justamente o sabio José Leite de Vasconcelos, que interrompeu, por horas, a sua «Etnografia Portuguesa» no seu laboratorio de Campolide—onde se acende a luz ás 6 da manhã—para escrever um artigo para o «Boletim Cultural e Estatistico» da Camara, diz que para se estudarem as origens de Lisboa devem pôr-se de parte fabulas e hipoteses fantasiosas: «Trilhar-se-á chão mais liso se se recorrer a ensinamentos que a Arqueologia ministre».

Aqui o sabio põe de parte a poesia. A lenda de Ulisses andou em Camões, e as hipoteses andam em todos os romanceiros eruditos.

Mas no sentido criador, naquele onde ha uma beleza que não é meramente subjectiva—a das pedras—continua a haver poesia, certamente diversa da lendaria de Ulisses e das imaginativas dos fazedores de patranhas historicas—mas poesia pura.

A questão não está bem na poesia em si, no poeta que compõe: mas no poder receptivo e na capacidade poetica de quem lê.

A poesia é poalha de oiro—anda no ar.

Uns compõem poesia, outros entendem-na.

O sol seria o mais ignobil dos dons e graças da natureza se todos nós tivessemos o destino de um bicho de conta.

E a proposito: que lindo dia que hoje está! Como isto mudou!

Pois mudemos de assunto.

* * *

Nas estampas antigas e nas «vistas» das cidades e terrinhas que foram e vão por esse mundo, aparecem as casas coroadas de verdura, os muros ostentando cabeleiras soltas de folhedo, que cai graciosamente, com flôres ás vezes como as tranças das meninas.

Nada mais belo do que um muro sôbre o qual se debruçam rosas. E de que uma janela da qual caem pernadas de arbustos.

E de que uma beira de telhado do qual pendem fios verdes de plantas cuja semente o vento depositou nos concavos da telha velha.

A cabeleira das casas, a opulencia vegetal e humilde das habitações—são o sinal da graça livre que quebra, aqui e ali, o ritmo monotono das edificações de cimento armado, brunido de cromos.

A cabeleira é um apanagio, nos humanos mortais, das crianças e dos velhos. A cabeleira solta, doirada e de prata, é um orgulho de infantes e de anciãos.

Que linda cabeça a de uma petiza, que se deixou pintar por Antonio Carneiro, de um octogenario que se iluminou na hora do crepusculo de prateados tons, e fica, como o lirico Bulhão Pato, na tela de um Lupi majestoso.

Ha as cabeleiras das nossas idades—o tempo que dá o intervalo da meninice á velhice—, mas essas são de «atelier», pratica dos Godefroy. E se é certo que ha cabeças calvas, tambem ha muros sôbre os quais escorre apenas a cal das posturas e os limos da chuva. São incidentes organicos, sôbre os quais—a insistirmos—cairiamos no perigo da incorrecção.

Conhecemos calvos que, por distintos na composição da carencia, não dão ainda a ilusão de possuirem cabeleiras majestosas: os nossos olhos não vêem a calvicie. E uma mulher gentil, presa por outras seduções mais puras, bem poderá dizer: «deixa-me passar a minha mão pela imaginação dos teus cabelos!».

E assim ha predios que para serem belos não precisam de ter varanda de rosas de toucar, telhados em bico onde não escorre uma lagrima verde de limos, onde uma oferenda do vento não depositou, não se traduziu na esmola de uma semente.

Mas nada disto impede que eu o observe: são lindos os muros dos quais se debruçam rosas, são belas as casas cujas sacadas e varandas ostentam canteiros de verdura. São amaveis os bairros e ruazinhas que quebram o ritmo das superficies com uma mancha de côr—uma garatuja florida, ao alto, onde um pardal, a certas horas do dia, quando a chuva humedece as superficies, procura a ilusão de um parque, o dominio cimeiro do horisonte, a convivencia humilde da flôr que não sabe como nasceu.

* * *

Armando Ferreira, que é um humorista finissimo, com uma graça caricatural á Gervasio, num estilo diverso de Bastos Guerra e do saudoso André Brun, e que sabe conciliar o espirito e a chalaça—merito singular—, fez uma conferencia séria: o homem e a maquina.

Eis um assunto aparentemente arido. Como o engenheiro o tratou depreende-se da sumula do seu trabalho; bem, mas como um homem de letras e não como um tecnico. Eis o interêsse da sua palestra, que irá ser publicada. Mas que tomo eu dessa sua conferencia? A finalidade objectiva: A maquina é aliada e não inimiga do homem; trabalha pelo homem e para o homem.

Mas o amor do homem á maquina é um dos aspectos mais curiosos da alma humana. Escusamos de citar o romanceado caso da ternura apaixonada que o maquinista da «Lyson» tinha pela sua locomotiva. Como falava com ela, a acarinhava, a entendia; a queria como uma mulher ou a uma filha, e suas fraquezas e valentias lhe tocavam como se ela fôsse do seu sangue ou do seu amor.

O homem—eis um sinal da sua superioridade — apaixona-se por esse monstro, por esse aparelho, por esse conjunto de nervos e de arterias, ao qual se ligou por profissão ou por deleite.

Um navio—é tudo para um capitão. Uma locomotiva para um maquinista. A Central para o electricista. A Marinoni ou a rotativa para o impressor. E assim o avião, o tear, o torno, o motor, o carro do *chauffeur* de praça ou do automobilista, a maquina de costura, a caldeira, a propria forja... á espingarda do bom soldado. O homem integra-se na maquina faz-se o cerebro dela. Ela é parte dêle, e ele supõe que ela o não dispensa—para viver.

O ritmo da maquina equivale ao do coração do homem.

E' mais do que um animal, porque nem sequer paga ao homem em afeições, e, como os animais, preocupam o homem, porque tambem adoecem, tambem têm achaques, birras, impertinencias. E tambem envelhecem. E tambem morrem.

Armando Ferreira viu o assunto pelo seu rico aspecto objectivo, social e economico. Não pôde vê-lo pelo aspecto sentimental.

Pois quê: o aço tambem é susceptivel de ter sentimento? Aquilo que é material pode ter espirito?

Ha pelo menos uma verdade: a maquina vibra. Os seus orgãos não são interdependentes. A maquina geme. A maquina luta pela vida, tem o seu instinto de conservação; força-se como um coração na corrida.

E' certo: tudo isto, afinal, é—o homem, inventor e criador de todas as cousas: o telefone e a charrua, o eter e a electricidade, o vapor e a turbina.

E no amor que o homem tem á maquina está muito do amor que o homem tem por si proprio.

«A maquina trabalha pelo homem e para o homem»—sintese com poder de exactidão.

Mas nós corrigimos modestamente:

—O homem trabalha para a maquina e pela maquina, porque ele proprio a fez, pelo risco de Deus, e como Deus—descansa ao domingo.

NORBERTO DE ARAUJO

ABRIL

O Vosso Futuro...

As pessoas nascidas em Abril...—não se deixarão ir no barril!

AS MULHERES serão altas... magras... baixas... gordas...

OS HOMENS... idem—que é para os altos casarem com as baixas e os baixos com as altas...—(isto é tudo assim! Que se lhe ha-de fazer...), atravessarão o Tejo num barco de Cacilhas...

Apesar destas DESIGUALDADES todos viverão no meio da maior alegria se tomarem o Café d'A Mariazinha.

Amanhã: **As pessoas nascidas em Maio.**

Vinhos - Atenção

A casa VINO-VITO comunica a V. Ex.ª que a exemplo dos anos anteriores, reabre os seus **cursos** nocturnos e semanais sobre **analises e tratamentos de vinhos** em laboratorio próprio, na proxima segunda-feira dia 1 de Novembro, encontrando-se por isso desde já aberta a sua inscrição até segunda-feira dia 1 de Novembro ás 12 horas.

O numero de alunos é limitado devendo por isso efectuar dêsde ja a sua inscripção para o 1.º turno.

Dirigir ao estabelecimento **VINO VITO**, rua Caes de Santarem N.º 10 (Ao Caes da Areia) Lisboa—Telefone 27136.

NÃO CONFUNDIR

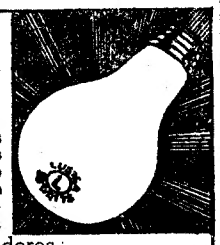
A UNICA BOQUILHA EFICAZ!

Repr. Victor Chaskelmann & C.ª

Rua da Palma, 268—Lisboa

PROVAS CONCLUDENTES

As provas e experiências a que são submetidas as lâmpadas LUSTRA nos Electrical Testing Laboratories dos Estados Unidos, são as mais rigorosas do mundo A Lâmpada LUSTRA é uma lâmpada de alta qualidade



Distribuidores:

António José Fernandes, L.da

44, Rua dos Remolares, 48 — LISBOA

A sua unica propaganda são os seus efeitos

A' venda em toda a parte.

Leiam hoje o jornal humoristico SEMPRE FIXE.

Exposição Teatral Portuguesa

Encerra-se definitivamente no proximo domingo, 31, a I Exposição Teatral Portuguesa, organizada pela Camara Municipal de Lisboa, a convite da Academia das Ciencias, e que foi um dos numeros de maior relevo da comemoração do 4.º centenario da morte de Gil Vicente.

Durante quasi dois meses e meio que o curiosissimo certame esteve aberto ao publico no palacio Galveias, ao Campo Pequeno, cêrca de 4.000 pessoas o visitaram, recebendo uma forte impressão de arte, de pitoresco, decultura e de saudade.

Com efeito, evoca-se na Exposição toda a evolução do Teatro Português, desde o seculo XVI á epoca contemporanea—quatro seculos em que avultam nomes imorredouros de escritores, de artistas, de musicos, de cenografos, de empresarios, etc. Em meia centena de secções apresentam-se, numa disposição ao alcance de todos, raridades iconograficas, preciosidades bibliograficas, recordações, documentos raros, curiosidades de toda a especie—um conjunto, enfim, que dificilmente se poderá reunir de novo.

Devem, pois, aproveitar esta semana todos os que desejarem receber, a par duma admiravel lição de historia, uma inesquecivel sugestão de arte.

A obra cultural do Municipio

Estão já á venda o 9.º volume da *Lisboa Antiga*, de Julio de Castilho, benemeritamente reeditada pela Camara Municipal, com anotações do ilustre olisipografo engenheiro Augusto Vieira da Silva, e o n.º 2 do *Boletim Cultural e Estatistico*, uma das mais uteis iniciativas do municipio, e que encerra colaboração do dr. José Leite de Vasconcelos, comandante Quirino da Fonseca, professor Luiz Chaves, engenheiro C. da Cunha Coutinho, dr. Eduardo Brazão, dr. Alfredo da Cunha e dr. Gualdino de Brito Vasques, além das habituais secções de estatistica geral e de estatistica municipal.

Qualquer destas publicações revela o interêsse que a Camara Municipal tem dispensado á historia, á arqueologia e á estetica da cidade, ao mesmo tempo que se preocupa com os modernos problemas de urbanização e de higiene de Lisboa.

SEMPRE QUE tenha de fazer algum seguro contra fogo, quebra de vidros ou acidentes no trabalho, deve, no seu interesse, consultar a

Companhia de Seguros **«O TRABALHO»**

Segura bem porque está bem segura

Rua José Falcão, 211—PORTO

Delegação em Lisboa:

J. T. Pinto Vasconcellos, Ld.ª

Praça Duque da Terceira, 24

GRUPO "AMIGOS DE LISBOA"

e a sua actividade

Já se encontra concluido o estudo de urbanização organizado e redigido pela secção de estudos de urbanismo, estetica e higiene do Grupo «Amigos de Lisboa». Aprovado pela direcção, vai ser impresso e distribuido ás entidades interessadas e autoridades competentes.

E' um trabalho de vulto, embora ainda limitado ás circunstancias, e que por aquela secção, de que fazem parte, além do sr. dr. Alberto Mac-Bride, membro da direcção, artistas, engenheiros, higienistas e municipalistas, se integra no estatuto fundamental do grupo.

Pela secção cultural e de propaganda foi estabelecido que as visitas a monumentos se passem a efectuar uma vez por mês, e rigorosamente só para socios, e por bilhetes, e isto pelo intuito não de privar propositadamente o publico em geral da cultura e do alto interesse que essas visitas oferecem, mas porque a aglomeração prejudica e anula o efeito das excursões.

A visita de novembro é a repetição da de S. Vicente de Fora, dirigida ainda por Norberto de Araujo, e que coincidirá com a publicação da monografia, no prelo, sôbre aquele monumento e pelo seu autor oferecida ao Grupo.

Seguir-se-ão as visitas aos Jeronimos, e aos fortes da Junqueira, esta dirigida pelo dr. Alvaro Maia, e a repetição da do Palacio da Ajuda.

Os srs. Luiz Pastor de Macedo e Gustavo de Matos Sequeira concluiram a ordenação dos volumes postumos do valioso cronista Pinto de Carvalho (Tinop) e que vai entrar no prelo, de acôrdo com a familia do saudoso escritor, que foi um dos fundadores do Grupo.

Está sendo objecto de cuidados da Junta Directiva a instalação do Grupo em sede propria, em local central e caracteristico, mas até se concluirem as negociações a sede continua na Sociedade Propaganda de Portugal, ao Chiado.

Como já se contam por centenas os socios do grupo, vai ser passado o cartão de identidade, para o qual todos os socios terão de enviar duas fotografias.

SALVE A SUA SAUDE BEBENDO

AGUA DE ALBERGARIA

Excelente no tratamento da tuberculose, estômago, fígado, etc.

A' venda nos principais estabelecimentos.

Dep. Geral: M. ALEXANDRE

Rua das Pretas, 13, 1.º — LISBOA

PRODUTOS DE BELEZA Mme CAMPOS

PASTA DE AMENDOAS RAINHA DA HUNGRIA

Laboriosas experiencias deram a este produto a finura e pureza, o aroma e as beneficas qualidades que tornaram esta PASTA o preparado indispensavel para as pessoas de pele sensivel, seca e delicada.

Substituindo o melhor sabonete, a sua espuma finissima preserva a pele do cieiro, manchas, sardas e irritações. Refresca branqueia e assetina, dando á epiderme uma transparencia e um aveludado que a fez impôr-se na serie dos produtos RAINHA DA HUNGRIA como um dos seus melhores preparados.

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

Lisboa, Av. da Liberdade, 35 — Telef. 21866

A' venda nas boas casas

Uma

pele linda!

Eis o elemento principal da beleza

Para assegurar a frescura da tez, um colorido quasi transparente,—que é inestimavel áquelas que o possuem, e causa de inveja a outras:—é indispensavel conservar os poros da péle livres de tôdas as impureazas. A agua e o sabão não podem conseguir esse fim. E' a sujidade acumulada nos póros, fóra do alcance da água e do sabão, que representa o maior inimigo da cútis, e, a não ser que essa sujidade seja removida convenientemente, surgirão rugas, e a pele, que devia ser o maior orgulho da mulher, tornar-se-á a causa de inquietação e constante desapontamento. O OATINE CREAM—e só o OATINE CREAM póde penetrar nos póros, e limpá-los de tôdas as particulas de sujidade acumulada nêles durante o dia, principalmente nas cidades modernas, onde o ar é infestado de poeira.

Além das suas propriedades incomparáveis de limpeza, o OATINE CREAM contém ingredientes valiosos que têm um tonico definido e um efeito rejuvenescedor. Estes ingredientes estimulam os musculos e desenvolvem os tecidos dão á pele o óleo natural que ela deve possuir, e assim eliminam a causa principal das rugas, e num espaço de tempo maravilhosamente curto fazem desaparecer como por encanto tôdas as manchas da pele.

A' venda nas boas casas ou póde ser requisitado ao

DEPOSITO GERAL

F. H. DOS SANTOS

Travessa do Cotovelo, 37, 1.º D.

LISBOA

MOSAICOS

Goarmon & C.ª

Travessa do Corpo Santo, 17

LISBOA - Telef. 21059

Recorte este Anuncio e Apresente na

Fotografia AMERICA

RUA DO REGISTO CIVIL, N.º 6 e 6-A—Telef. 5 0065

Juntamente com 5 Escudos receberá uma boa fotografia 18×24 ou 1 postal por 2$50

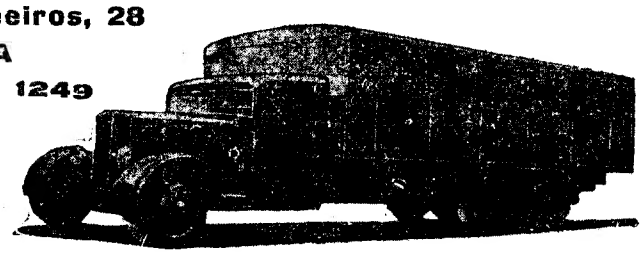
Empreza de Transportes BRAGA

Rua dos Correeiros, 28

LISBOA

Telefone 2 1249

Camions, Camionetes e Carroças



Para todos os generos de transporte em Lisboa e em todo o país

Servico especial de Mudanças

Para pintar

EXTERIORES

Deixe-se de experiências com quaisquer tintas porque é perder tempo e dinheiro. Aplique «Sylure», o esmalte ideal que resiste, como nenhum outro, a tôda a acção do tempo — sol, chuva, etc.

Não sai caro porque tem maior duração e poder de cobertura do que as outras tintas. Valoriza a propriedade e dá-lhe um magnifico aspecto. Siga o exemplo da Casa OLD ENGLAND, de Lisboa. Para pintar todos os exteriores — não hesite! — use a tinta inigualável e de confiança:

«SYLURE»

É UM PRODUTO ROBBIALAC

SOC. ROBBIALAC, LDA.

R. Nova do Carvalho, 15, 1.º — Lisboa

NOTICIAS DA GUINÉ

O 27.º aniversario da implantação da Republica

BOLAMA, outubro—Como o governador da colonia, major sr. Luiz Antonio de Carvalho Viegas, tivesse de dar posse aos srs. presidente e vogais da «União Nacional», na Guiné, instalada em Bissau, este ano a recepção em comemoração da data de 5 de outubro realizou-se naquela cidade, para onde seguiu grande numero de funcionarios em dois vapores do Estado postos á sua disposição.

A's 7 e 30, á partida de Bolama, a ponte-cais estava apinhada de povo, vendo-se embandeirados os barcos que se destinavam a Bissau. Na ponte-cais desta ultima cidade encontravam-se, além de altos funcionarios e pessoas em destaque no meio, as forças da guarnição da colonia que prestavam a guarda de honra. As crianças das escolas, de ambos os sexos, em longa formatura, saudaram, tambem, ao desembarque do sr. governador, cantando com entusiasmo o «Hino da Mocidade Portuguesa».

Após os primeiros cumprimentos, o governador dirigiu-se ao palacio, tendo marcado a recepção para as 16 horas, no salão nobre dos Paços do Concelho.

A recepção foi muito concorrida. Via-se, pela primeira vez, na Guiné, a farda da «Legião Portuguesa». Envergava-a o delegado do procurador da Republica nesta comarca, sr. dr. Rodrigo Osorio de Castro, graduado da Legião.

A seguir, efectuou-se no mesmo salão nobre, com a assistencia de muita gente, o acto de posse do corpo dirigente da União Nacional nesta colonia. Discursaram o governador e o presidente empossado, o farmaceutico e proprietario sr. José Maria Calheiros de Abreu.

Enaltecendo a obra formidavel do Estado Novo, pronunciou o sr. major Carvalho Viegas um discurso vibrante de patriotismo e de fé.

A correspondencia de Bolama publicada pelo *Diario de Lisboa*, em 25 de setembro ultimo, em em que se faz referencia a um inquerito ordenado pelo governador daquela colonia aos actos dum funcionario hospitalar, não é da autoria do nosso correspondente em Bolama, sr. Carlos Augusto Pereira de Macedo.

Nem se trata, segundo nos informa este nosso solicito correspondente, de qualquer desvio de dinheiros publicos, mas sim da maneira como se tem feito a adjudicação de generos para os doentes.

UMA OBRA DE ARTE

de Jorge Colaço

Tem obtido um grande exito de interesse a notavel obra de arte de Jorge Colaço «Nossa Senhora de Fatima», destinada ao hospital de Cáceres e de que foram feitas reproduções em gravuras que vão ser vendidas pelo sistema «bola de neve», acompanhadas por paginas de inscrição que deverão ser entregues na Camara Eclesiastica do Patriarcado.

A iniciativa — que tem a aprovação das autoridades eclesiasticas — é dirigida pelo sr. D. Alberto Mera, e a comissão de senhoras da «Oferenda das Mulheres Portuguesas» é presidida pela sr.ª D. Maria Domingas de Sousa Coutinho Rebelo da Silva.

Almoço dos Carlos

No dia 4 de novembro, dia de S. Carlos, realiza-se, num dos restaurantes da capital, o quarto almôço dos «Carlos».

Todas as adesões podem ser enviadas á redacção da «Gazeta dos Caminhos de Ferro», rua da Horta Sêca, 7, 1.º, telefone 2 0158.

MAURICIO
MOBILIARIO E DECORAÇÕES
Distinção e gôsto
Rua Augusta, 240, 1.º
Tel. 2 8229

✝

Gertrudes Paulino dos Santos

Confortada com todos os Sacramentos da Santa Madre Igreja

FALECEU

Maria dos Santos Barroca seu marido, filha e genro, Carlos dos Santos e sua mulher, Ivo dos Santos e sua mulher e filha, Tomás dos Santos sua mulher e filha, Roberto dos Santos e sua mulher, Joaquim dos Santos sua mulher filha e genro e mais familia, participam o falecimento de sua estremosa mãi, sogra, avó, cunhada e tia, realizando-se o seu funeral amanhã, pelas 16 horas da sua residencia, rua da Graça, 35-1.º, para jazigo de familia no Cemiterio do Alto de S. João.

Agencia Mega

OS INTERESSES PORTUGUESES

na Republica de Porto Rico

Em goso de licença, chegou a Lisboa, onde se conservará alguns dias, o sr. D. Dionizio Trigo Marcos, consul de Portugal em S. João do Porto Rico e, simultaneamente, ali representante do governo nacional de Espanha.

O sr. D. Dionizio Trigo, que se encontra hospedado no Hotel Aviz, começou por nos declarar o seu entusiasmo por tudo com que veio deparar em Portugal, a começar nas excelentes estradas, pois, desembarcando em Gibraltar, fez a viagem, em automovel, até Lisboa.

—Ha bastantes anos não vinha a Portugal, bastantes para a minha saudade, e verifiquei não haver apenas que admirar a obra financeira de Salazar, que tenho elogiado em varios jornais de S. João de Porto Rico e ultimamente no semanario «Avance», das J. O. N. S.

«Não só as estradas, mas tambem as arterias da capital, e todos os seus aspectos, acusam melhoramentos progressivos, notaveis».

O sr. D. Dionizio Trigo, que é tão devotado á causa nacionalista espanhola que já lhe fez ofertas no valor de aproximadamente cinquenta mil dolares, sendo vinte mil dolares em café, falou-nos depois da ordem que verificou reinar na zona nacionalista que atravessou, acrescentando que S. João de Porto Rico é 99 o/o por Franco, e do mesmo sentimento partilham as autoridades norte-americanas ali residentes.

—A colonia portuguesa em Porto Rico...

—Quasi não existe.

—A exportação portuguesa...

—Começa a fazer-se, e dela venho tratar nesta viagem que tão boas impressões me despertou já e tão auspiciosa se me apresenta para os interêsses portugueses em S. João do Porto Rico—concluiu o sr. D. Dionizio Trigo.

"Chá dansante,,

A-fim-de proporcionar umas horas de reunião agradavel ás melhores familias de Campo de Ourique e proximidades, a gerencia do Café Latino resolveu organizar no proximo sabado, 30 do corrente, ás 16 horas, um «chá dansante», que se realizará no seu amplo e magnifico salão de festas e será abrilhantado por uma excelente orquestra.

LIGA DOS COMBATENTES

A Liga dos Combatentes da Grande Guerra e novamente solicita e agradece, para possivel internamento em Casa de Saude apropriada, o favor de lhe indicarem para a calçada dos Caetanos, n.º 18, nomes e endereços de combatentes que tenham enlouquecido durante e após a Grande Guerra.

SUFRAGIOS

D. Joaquina da Conceição Gonçalves Lage Domingues

Passando amanhã o trigesimo dia do falecimento da sr.ª D. Joaquina da Conceição Gonçalves Lage Domingues, mandam as pessoas de sua familia rezar na igreja de S. José dos Carpinteiros, pelas 11 horas, uma missa sufragando a sua alma.

FUNERAIS a pronto e a prestações
Preços e serviços com os quais ninguem compete
"SRAF" R. das Pedras Negras, 5-1.º
Tel. 2 7288

Mundanismo

ANIVERSÁRIOS

Fazem amanhã anos as sr.as:

Vi-condessa de Monforte, Viscondessa de Almeida Garrett, D. Eugenia Manuel (Atalaia), D. Julieta Holtremann Roquete Ricciardi, D. Maria Gabriela Goulart Caldas Forte, D. Teresa Maria Pinheiro de Melo Espirito Santo Silva, D. Filomena de Azevedo Leitão Massano, D. Maria Emilia de Faria Machado Pinto Roby e D. Maria Luisa de Lemos Seixas Castelo Branco.

CASAMENTOS

Para seu sobrinho o sr. Benjamim Mendes Godinho, chefe de Posto Administrativo em Africa Oriental, foi pedida em casamento pela sr.ª D. Clementina Chamiço, esposa do sr. dr. Casimiro Chamiço, a sr.ª D. Maria Adelaide Soares Andréa Ferreira Lencastre e Meneses, gentil filha da sr.ª D. Maria Amelia Soares Andréa Ferreira Lencastre e Meneses e do sr. Luiz Pereira de Lencastre e Meneses, chefe de secção de primeira classe da Secretaria Judicial da Comarca de Torres Vedras, devendo a cerimonia realizar-se por todo o proximo mês de dezembro.

EM VIAGEM

Acompanhada de sua filha, a sr.ª D. Maria del Consuelo de Velasco y Méra Benito Garcia, seu genro, o sr. David Benito Garcia, e seus netos, regressou da sua casa em Santa Maria, Sintra, á da capital, a sr.ª D. Maria Guadalupe Fernandez Velasco y Méra.

—Regressou da ilha da Madeira, com sua esposa, a sr.ª D. Inês de Bivar Viana da Mota Barahona Fernandes, o distinto assistente da faculdade de medicina de Lisboa e professor do Instituto de Serviço Social, sr. dr. Henrique Barahona Fernandes.

—Na Murtosa, encontra-se a sr.ª D. Cacilda de Goyro O'Neill de Roure.

—A' sua casa em Lisboa, regressou de Torres Vedras a sr.ª D. Maria Ana de Castelo Branco Berquó.

—Regressou de Inglaterra e França, o sr dr. Gonçalves Pereira, professor da Universidade Tecnica.

DR.ª LAURINDA ALAMBRE
Consultorio:—R. Garrett, 74, 1.º—3 h. ás 7 1/2—T. 2 0524.
Residencia:—Av. Defensores de Chaves, 163, 2.º—T. 4.9776.

NOTICIAS DE AVEIRO

AVEIRO, 25.—A circunstancia de termos estado ausentes desta cidade não nos permitiu noticiar oportunamente e com o relevo merecido a morte de duas pessoas muito ilustres desta terra: os drs. Casimiro Barreto F. Sachetti e José Maria Soares.

O primeiro, um novo que ha dois anos havia terminado o seu curso de ciencias para professor do liceu, filho duma das mais distintas familias da região, e o outro, um medico distinto, que actualmente desempenhava as funções de director do Hospital Militar do Porto.

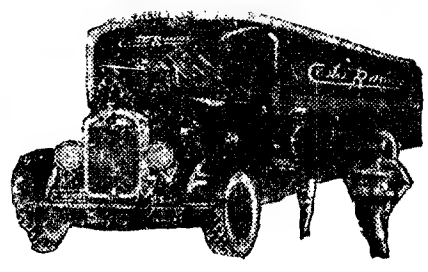
Ambos os cortejos funebres constituiram demonstrações de pesar da população aveirense pela perda dos dois filhos desta terra, sendo justo, no entanto, destacar o do dr. José Maria Soares, que foi imponente, pelo elemento militar que nele tomou parte.

—Continuam a chegar a este porto os navios bacalhoeiros que foram a pesca á Terra Nova, aguardando-se, porém, os que partiram dos bancos nos ultimos dias. Segundo informes que colhemos, todos os barcos trazem consideraveis carregamentos, o que vem animar a industria.

—No jogo ontem realizado no Paço de Brandão, para a disputa do campeonato regional, o «Beiramar» venceu o «Sud» por 1-0.

Dr. Francisco de Vasconcelos

Na impossibilidade de o fazer pessoalmente agradece aos seus Ex.mos colegas amigos e clientes, o interesse que demonstraram durante o periodo da sua doença e participa que retomou a clinica.



TRANSPORTES COSTA RAMOS
Domicilio a Domicilio
Unico concessionario da carreira entre Lisboa e Porto. Transportes para todo o país Carros especiais para mobilias.
Porto — *R. Guerra Junqueiro, 7* — Telef. 1854
Lisboa — *R. S. Julião, 34, 36* — Telef. 2 7200

LONGINES
Sempre na vanguarda das bôas marcas
10 GRANDS PRIX

Homenagem aos srs. presidentes da Republica e do Conselho

SANTAREM, 24. — Por iniciativa duma comissão de funcionarios dos Correios e Telegrafos, da qual era presidente o sr. Alexandre Fonseca Tavares, foram hoje inaugurados, numa das salas daquele estabelecimento do Estado, os retratos dos srs. presidentes da Republica e do Conselho.

Presidiu á sessão o sr. dr. (V.) Luiz Vaz de Sousa, que representava o sr. governador civil do distrito, sendo secretariado pelo sr. presidente da Camara Municipal, comandante militar, chefe dos Serviços Telegrafo-Postais do distrito, deputado sr. dr. Artur Duarte, comandantes da Legião e da Mocidade Portuguesa e delegado do Instituto Nacional do Trabalho.

Falou em primeiro lugar o sr. presidente da Comissão Promotora da festa, que pôs em destaque a obra realizada pelos homenageados, salientando que era com o maior prazer que os funcionarios dos Correios e Telégrafos de Santarem prestavam homenagem aos homens que mais têm sabido defender os interêsses nacionais, nomeadamente o sr. dr. Oliveira Salazar. Terminou por convidar para descerrar os referidos retratos, que se encontravam cobertos pela bandeira nacional, o representante do chefe do distrito, acto que foi sublinhado com uma ovação estrondosa, ouvindo-se entusiasticos «vivas» a Salazar e a Carmona.

Usaram tambem da palavra os srs. dr. Artur Duarte, Antonio de Bastos, presidente da Camara e dr. Vaz de Sousa, que manifestaram a sua simpatia pela festa a que estava assistindo, cujos fins são dignos de ser seguidos, pois que semelhante homenagem representava o carinho e a estima daqueles funcionarios para com quem tão patriotica e desinteressadamente tem orientado os destinos de Portugal e encaminhando-o para um futuro maior. Todos estes oradores foram frequentes vezes interrompidos com palmas e «vivas» aos dois homenageados.

A sala encontrava-se engalanada, vendo-se na numerosa assistencia grande numero de senhoras que davam á cerimonia uma nota alegre e distinta.

Experimente êste
BANHO MÁGICO
de BELEZA

Obterá uma pele Nova, Fresca e Branca

Deite-se ás 11 horas—Levante-se ás 7—Ah! que maravilhosa transformação! Numa unica noite—esta surpreendente Cire Aseptine, Banho Magico de Beleza, transforma uma pele aspera, escura e sêca numa outra macia, clara e dum branco natural. Enquanto a substancia untuosa e branca se introduz suavemente na sua pele, a camada rugosa exterior é amolecida e separa-se em finas particulas, durante o sôno. De manhã, estas rugosas e feias escamas da pele destacam-se por simples lavagem. Os pontos negros desaparecem—as imperfeições do rosto apagam-se. Aos seus olhos revela-se a beleza da nova pele clara, viçosa e dum branco natural, que se encontrava escondida. Aplique, também, a Cire Aseptine no pescoço, ombros, braços e mãos. Doutro modo, o contraste com a nova, fresca e branca carnação do rosto seria muito notado.

Encontra-se á venda em todas as perfumarias e boas casas do ramo. Não encontrando, escreva ao Depósito Aseptine—88, Rua da Assunção, Lisboa—que atende na volta do correio.

Se

quere beber um vinho ESPUMANTE NATURAL de grande classe, não inferior aos melhores do estrangeiro, peça uma das seguintes marcas da REAL COMPANHIA

SUCESSO
PROGREDIOR
ASSIS BRAZIL
PRIMEIRA RESERVA
EXTRA RESERVA

Encontram-se á venda em todos os bons estabelecimentos

CREME de SABÃO "Wright"
DIGA "RAITE"
PARA BARBEAR

O SEGREDO DE UMA BARBA BEM FEITA //

DISTRIBUIDOR: ALEXANDRE D'ALMEIDA SANTOS
TRAVESSA DA RUA FORMOZA, 20 PORTO

Ennor, L.da

Transportes por domicilio a

Sucessor

camionagem domicilio

Rapidez, correcção e seguros contra todos os riscos

Transportadora das melhores Emprezas do Pais

PORTO
Rua Azevedo Coutinho, 132 (ao Bessa)
Telefone 6102

LISBOA
Rua Gilberto Rôla, 8 (a Alcantara)
Telefone 2 4792

CAPRISTANO & FERREIRA, LIMITADA

BOMBARRAL

Horarios das carreiras de auto-carros

Lisboa—Caldas da Rainha—Leiria	7,(0—12.30—16.30
Lisboa—Bombarral—Peniche	7.30—14.30—17.30
Lisboa—Nazaré—Alcobaça	8.30—14.30 - 19.45
Lisboa - Nazaré	17.30
Lisboa—Lourinhã—Bombarral	18.30
Nazare—Lisboa	6.30
Peniche—Bombarral - Lisboa	6.55—8,10—10.50 - 14.35—15—20
Leiria—Caldas da Rainha - Lisboa	7.50—15.00—19.00
Alcobaça—Nazaré—Lisboa	7.35 - 10 05—14.35
Bombarral—Lourinhã - Lisboa	7.50
Peniche—Torres Vedras—Lisboa	8.45—16.00
Peniche—Caldas da Rainha - Santarem	8.10—10.50—15.20
Peniche—Caldas da Rainha	6.55—19.50
Caldas da Rainha—Peniche	9 25 - 21 55
Torres Vedras—Peniche	11.20—19.50
Santarem Caldas da Rainha—Peniche	9.15—13.50 - 18.00
Santarem—Rio Maior—Nazaré	8.40—19,30
Nazaré Rio Maior—Santarem	5.2(—15,35
Leiria—Caldas da Rainha—Azambuja	8.55—15,55
Azambuja—Caldas da Rainha—Leiria	7 45 - 20 05

Partidas de Lisboa para o Porto..... 7.0) Partidas do Porto para Lisboa..... 7.40

Para outras informações: **FILIAL EM LISBOA** — Largo de S. Domingos, 11 — Telefone **21003**

Quem está aqui em perigo—

Não só êste ou aquêle, senão todos, porque justamente na escola, como de resto em toda a parte onde estão muitas pessôas juntas é muito grande o perigo de contágio das doenças das vias respiratórias. Por isso é bom dar pastilhas de Panflavina aos seus queridos pequenos quando forem para a escola.

As saborosas pastilhas de

BAYER

Panflavina

evitam os contagios, as inflamações de garganta e as constipações.

A caixa de 30 pastilhas vende-se em qualquer farmacia por Esc. 13$00

FILTROS INDUSTRIAIS para correcção de aguas

Filtros de permutação «ALVOLITE»
Filtros sistema cal e soda
Filtros reaquecedores de oleo «HOTKING» para aguas de condensação

Filtros para decantação de aguas — Filtros esterilizadores, pelo cloro, cloramina e metais, para aguas para consumo publico. — Eliminação de sais de calcio e magnesio (calcário), ferro, etc., nas aguas empregadas em instalações de caldeiras, destilações, lavandarias, tinturarias, fabricas de cervejas e muitas outras industrias

REFRENCIAS: — Companhia Industrial de Portugal e Colonias (3 instalações) — Imprensa Nacional — Moinhos Reunidos, Limitada — Moinhos de Santa Iria — Manutenção Militar — Hospitais Civis de Lisboa — Sanatorios de Coimbra — Albergue de Mendicidade da Policia de Segurança Publica de Lisboa — M. Carp, Limitada — Simões & Ca, Limitada — Manuel Diniz Junior & Irmão, Limitada (1 instalação e 1 ampliação) — Companhia Portuguesa de Pesca (1 instalação e 1 ampliação) — Fabrica de Papel de Matrena — Administração Geral do Porto de Lisboa — Empresa Nacional de Penteação de Lãs (2 instalações e 1 ampliação) — Nunes dos Santos & Ca — Moagem Eborense — Sociedade Fabril Alentejana — Lavandaria dos Anjos — Tinturaria Portugalia — Sociedade de Destilação Limitada — Refinaria Brasileira — Sociedade Agricola do Cassequel — Companhia do Papel do Prado — Magalhães Basto, Limitada — Companhia Eborense de Electricidade — Companhia de Criação e Comercio de Gados — Sociedade Nacional de Fosforos — Fabrica de Sabonetes de Santa Clara — Sociedade A Fiandeira, Limitada — Fabrica de Borracha Luso-Belga — Sociedade Comercial Abel Pereira da Fonseca — Companhia de Fiação Portuense — Empresa de Fiação e Tecidos de Benfica, etc.

Entre estes os maiores filtros inslalados no Pais
Capacidade de agua filtrada anualmente com os nossos filtros: 2.800 000 de metros cubicos
As nossas referencias constituem a melhor garantia para os nossos futuros clientes

Laboratorios de analise

Alfredo Alves & C.ª (Filhos)

(ENGENHEIROS CONSTRUTORES)

Rua da Academia das Ciencias, 6 — P. A. B. X. 2 3406 — Telegramas — *Fredalves*

BEBAM AGUA

NASCENTE PINHEIRAL DA ROCHA

Concelho de Melgaço

Agua hiposalina, de boa diurese, optima para a arterioesclerose e artritismo, desintoxicante do organismo; finissima para mesa.

Depositarios

Jeronimo Tavares da Silva

278, Rua da Prata — Telef.2 2345

Atum em Azeite?!

Só TENÓRIO...

Recomendavel tambem aos debilitados

POR 5$00

Semanais, todos podem adquirir **Relogios de todas as marcas**, joias e objectos de ouro e pratas, inscrevendo-se já, no sistema de Vendas a Prestações, **com Bonus em todas as lotarias, prazo de pagamento 30 semanas**, podendo o objecto ser adquirido a primeira prestação **somente por 5$00. F. de Sousa Torres**, Rua de S. Paulo, 106. Tele[illegible]

TEM TOSSE?

Tome chá

SEIVA PINHEIRO MANSO

Vende

Perola S. Domingos

Rua Correeiros, 331

Diario de Lisbôa
Suplemento literario

DIRECTOR: JOAQUIM MANSO—PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
Redacção, Composição e Impressão: Rua Luz Soriano, 44, LISBOA — Telefone 20271

LIMITES DA POESIA

por João de Barros

Tem a poesia limites — quer dizer, um âmbito definido, um territorio demarcado, além do qual os assuntos, as emoções, as imagens e as idéas não lhe pertencem, e que não pode conquistar ou ambicionar sem perigo de perder totalmente a sua personalidade e caracter? O excesso de especialização que distingue a nossa época, em tantos aspectos da vida intelectual, parece, infelizmente, atingir tambem o vasto dominio poetico. Afirma-se, decreta-se por vezes que certos poetas ficam áquem, outros além — das verdadeiras altitudes do lirismo. Uns o desejam prosternado, fremente do misticismo da oração; outros lhe fixam apenas as fronteiras do subconsciente; outros, ainda, lhe reservam só a área, secreta e restrita, onde as concepções filosoficas do mundo encontram sua expressão sentimental. E tudo o mais — não é poesia, ou é, se preferem, poesia inferior. Dante e Camões, Vitor Hugo e o proprio Vigny, Cesario, Gomes Leal e Junqueiro, não cabem dentro desses conceitos criticos. Não importa! A reacção do simbolismo contra a frieza de certos vates retoricos (tão natural e tão explicavel, essa reação) alargou-se ao maximo; — e expulsa-se, ou tenta-se expulsar do *país poetico* todos quantos se julgam indignos servidores, maus apostolos da arte misteriosa e suprema...

Os exageros simbolistas compreendem-se e fôram uteis: — significavam a necessidade de substituir formulas já vazias de substancia, e de ressuscitar o prestigio do lirismo subjectivo. E compreende-se tambem a atitude daqueles que hoje repelem a persistencia ou permanencia de habitos, ou tendencias, ou criterios das gerações de ôntem. Mas vai-se um pouco longe demais, tentando mostrar ou deixando entrever que só houve poesia, poesia criadora e eterna, *poesia pura*, como se lhe chama — em Shelley e não em Byron, em Verlaine e não em Verhaeren, em Antonio Nobre e não em Antonio Patricio. E não é a injustiça que punge nesta maneira de apreciar: — é a pobreza que dela resulta, que dela dimana, para a nossa visão e para a nossa religião da poesia.

Tudo o que é, e não unicamente tudo o que é: tudo o que tenta ser humano, e tudo o que fôr vida — eis a imensa, a rica, a inalianavel posse da inspiração poetica. Para o colher e apreender, para o trazer á presença alheia — todas as tecnicas, todas os ritmos, todos os cantos, são legitimos. Passam de moda, tornam-se insuficientes, insignificativos, quaisquer deles? O poeta encontrará novas cadencias ou novas estrofes. Foi o que, por exemplo, sucedeu a nossos olhos com o velho verso alexandrino: — entrou em fase de decadencia. Isto não garante, porém, a sua morte para sempre. E, mesmo que de facto a garantisse, não se acabou ao mesmo tempo a essencia de poesia que o alexandrino de Hogo ou de Antero, de Gomes Leal ou de Cesario continham. Precisamente, a sonoridade empolada desse verso tem servido de alvo a muita censura atendivel. O peor é que, através dela, se visa a obra inteira de quem usou ou abusou desse ruflar patetico, nem sempre variado ou flexivel. E não tem muitos anos a reviviscencia de admiração que em França se verifica pelo autor da «*Tristesse d'Olympio*», tardia, em grande parte porque as simpatias literarias se tinham afastado da sua metrica preferida.

Ha mais, porém: ha ainda o horror ou a recusa de determinados assuntos, — temas épicos ou satiricos, exemplifiquemos, para não citar outros. Por gosto da simplicidade? Por falta de ambiente? Por auzencia de motivos guiadores? Talvez. Mas a epopeia não exclui a simplicidade — nem se restringe a celebrar acontecimentos guerreiros: ao esforço dos homens, no tempo e no espaço, ninguem negará sentido e valor epicos. E quanto á satira — a dor, o desespero, o anseio idealista que pode traduzir, dão-lhe toda as viabilidades de ser autentica poesia. Acaso lhe faltará ambiente, como á epopeia? Convenço-me de que não é inteiramente assim. Suponho, até, que a origem do actual desaparecimento desses dois generos literarios, cumpre atribuí-la a não sei que vergonha, que timidez perante o relativo realismo inerente a ambos, realismo considerado como *não poetico*. Não mergulhemos as raizes do lirismo no sangue. no lôdo, no humus da vida; — quebrar-lhe-emos as azas, avisam os augures. E lembrar-se a gente que o genio dum Gomes Leal subiu a vertiginosos cimos de Beleza partindo do mais intimo contacto com as as amargas e rudes iniquidades da existencia social! Ai! do poeta que — nalguns meio hiper-intelectualizados — se atrevesse a não desprezar as sugestões e os espectaculos da humanidade sofredora! Valéry é um grande poeta, mas tem feito muito mal. O abade Brémont foi um grande critico, mas reduziu exageradamente os horizontes do lirismo.

Poesia, em tudo existe, sempre e em tudo. O caso é extraí-la da sua ganga, trazer á luz a luz que a vida oculta — em prece ou em grito, em cantico ou em revolta, em resignação ou indignação, desde que o amor a saiba descobrir e revelar. Limites, não os conheço, fronteiras, não as traço. E, porque a poesia, o lirismo dos poetas, se fôr sincero, é a propria poesia, o proprio lirismo esparso na natureza e na alma — (dai o seu caracter de *mensagem espiritual*!) — duas poesias, entre muitas da Europa e da America, acaso por serem da mais expontaneo abrolhar, se me afiguram seguir ainda o rumo infalivel da gloria: — a poesia portuguesa e a poesia brasileira, onde nem algumas influencias estranhas de exagerado preciosismo mental, obliteraram ou enfraqueceram a comunhão intima do homem e do universo. Do homem, em tôdos os seus anceios, aspirações, crenças e descrenças; do universo em todas as suas verdades e miragens. Comunhão inefavel, que é toda, que foi sempre toda e a absoluta poesia.

João de Barros

Francisco Carco, o escritor de Montmartre, que entrou recentemente na Academia Goncourt, em mangas de camisa como qualquer «commis», autografando os seus livros nas Galerias Lafayette

(Lêr entrevista na 3.ª pagina)

ESTE SUPLEMENTO NAO PODE SER VENDIDO EM SEPARADO

Ás tertulias literarias, nas livrarias, são um costume, que corresponde mesmo a um vício intelectual. Escritores há que saem do seu laboratorio mental para dar dois dedos de cavaco na «livraria». Não sucede isto apenas no grande mundo lá de fora, onde as livrarias são eirados academicos, a biblioteca publica que se folheia entre dois dedos de conversa; sucedeu assim em Coimbra, no velho Porto livresco, na Lisboa desde o Herculano ao ultimo mau discipulo do Eça.

A «Portugalia» da rua Nova do Carmo, a cuja frente estão hoje dois rapazes conhecedores de meia Lisboa intelectual, e experientes no seu oficio —Pedro Andrade e Raul Dias—prolongam agora essas tradições, e num ambiente calmo, onde o cavaco vale uma boa leitura, e estabelecem, pela sua clientela, aquele espirito literario e desenfadado que é bom que se não perca nesta Lisboa aguçada pela curiosidade do que se diz e do que se escreve.

E a «ultima novidade» é sempre o primeiro livro a sair.

Por iniciatica do «comité» permanente dos premios São Remo de literatura e arte, organismo italiano presidido por Carlo Formichi, foi instituido para os escritores estrangeiros um premio de 50 mil liras destinado a obra de critica, mesmo inedita, que refuto com mais eficacia a teoria comunista. Os pedidos de admissão devidamente assinados devem ser dirigidos ao «Comitato Permanente Premi San Remo», a São Remo.

Cada concorrente deve enviar seis exemplares da sua obra até 28 de fevereiro de 1938. O juri submeterá ao «comité», com um pormenorizado parecer, três nomes que poderão ser escolhidos, mesmo entre os autores não concorrentes, que sejam considerados dignos de obter o premio. A escolha do «comité» não poderá ser contestada, segundo os estatutos, e o premio será conferido, oficialmente, em São Remo, numa cerimonia que terá um caracter nacional.

Publicámos no ultimo Suplemento Literario uma pagina de rara emoção e fina sensibilidade: «Retrato de minha mãi», devida á pena de um jovem escritor ainda ignorado. Infelizmente, o seu nome, que é Rui Cinatti, saiu truncado. Mas esperamos que esse novo escritor veja um dia o seu nome firmado de maneira que não possa repetir-se com ele o que aconteceu agora.

FÉ

Tu dizes que andas triste e taciturno,
Que só a escura noite te conforta...
Que ás ilusões perdidas,
Se vem juntar por fim:
Outra ilusão perdida,
Outra ilusão já morta!

Sem que os motivos dessa dôr eu saiba,
(Que eu mesmo nunca te os preguntaria...)
Deixa que lembre e te recorde agora:
Que, *dia a dia*,
ou, *hora a hora*
Deus melhora

Lisboa, 37.

JOÃO PATRICIO

(Do livro em preparação: «*Conselhos dum Frei Tomaz*).

A' memoria de Leopardi

... Fratelli, a un tempo stesso, Amore e Morte ingenero la sorte
... E l'infinita vanitá del tutto

(Leopardi, POESIE)

Tua vida é teu verso: sofreria
essa alma torturada muito mais
do que sofreu no mundo, se a poesia
não a enchesse de alivios celestiais.

Choraste, mas cantando. Verso e vida
num mar de eterno pranto mergulhaste
Tudo em teu verso a meditar convida
Em tua vida, quando solucaste!

Tua vida era humana, mas divino
teu verso sempre foi; divino, quando
é meia-noite, quando é sol a pino.
Por isso é que choraste, mas cantando.

Teu verso é tua vida: o sofrimento
bem sabes que provém da aspiração.
Homem não ha desta tortura isento.
Quem por sonhar padece, é teu irmão.

A vaidade infinita deste mundo
não mereceu teu genio, que se expande
como o rumor do oceano amargo e fundo.
Tu não foste feliz, mas foste grande.

Um santo numa choça era tua alma
purissima em teu corpo desditoso;
vinho que as dores do veneno acalma;
caricia que atormenta e não dá gôzo.

Amor e morte, a um tempo só, provaste.
Tua vida foi morte pelo amor,
rosa murcha que cheira e é bela na haste,
cantiga que reflecte dôr, dôr, dôr.

Um dia a lua no ceu buscas, e ela
na agua parada e putrida de um poço
banha-se triste, flacida, amarela.
Velho plangeste o que sonhaste moço.

Outróra, a inveja te cravara a espada.
Hoje, não ha quem contra ti a esgrima,
que a cada magoa, a cada injuria, a cada
ferida deste o balsamo da rima.

Leopardi, agora que estarás bem perto
de Deus e longe do universo vão,
uma estrofe feliz dirás de certo
a Antero, Schopenhauer, Salomão...

SILVIO JULIO

NOVIDADE LITERÁRIA

UM ANO TRÁGICO

LISBOA EM 1836

por LUIS VARELA ALDEMIRA

a-propósito do centenário da Academia de Belas Artes

I — Panorama social — II — Jornalismo — III — Vida literária e artistica — IV — Revolução — Contra-Revolução — V — Reformas do Setembrismo — VI — Fundação da Academia — VII — A Academia depois de 1836

Edição muito limitada

UM VOLUME 20$00

á venda nas principais livrarias e no Depositário — LA BÉCARRE de Emilio de Morais R. Nova do Almada, 47, Telef. 2 6711

Há que saudar com entusiasmo o aparecimento da «Revista de Portugal», notavel mensario de arte e literatura, dirigida pelo dr. Vitorino Nemesio e Antonio Serpa. Podemos com orgulho, colocar a nova publicação, ao lado das melhores revistas estrangeiras, tanto pelo seu espirito, como pela sua apresentação duma voluntaria sobriedade, mas elegante, correcta nos seus caracteres, e duma simplicidade de gosto que encanta.

Bem apetrechada intelectualmente, não se condicionando a nenhum grupo ou escola, embora, nitidamente moderna e inovadora.—«Revista de Portugal», vem, de facto, tapar esse vasio que existia no campo das letras, sôbre cultura e difusão, conhecimento e pensamento, analise e ensaio. Aconselhamos o leitor, nem que seja por curiosidade, a tomar conhecimento com a «Revista de Portugal», que apresenta um bom elenco de intelectuais, e um sumario bem seleccionado e variado que, inteiramente lhe dá visão, de vida espiritual portuguesa, com a sua projecção no Brasil. Citamos, entre outros colaboradores Antonio Sergio, Afonso Duarte, Casais Monteiro, Torga, Jorge Amado, Vitorino Nemesio, Gaspar Simões, Falco, José Regio, Alexandre Herculano, (varias cartas ineditas), etc. Ficará para mais tarde uma analise mais pormenorisada as caracteristicas intelectuais da geração dos trinta anos, tão bem representada nas paginas vivas desta revista. A Vitorino Nemesio, o construtor, um abraço de felicitações por mais esta obra cuja economia se pode considerar unica no nosso meio, e que está destinada a uma profunda missão renovadora.

■

«Livros e publicações recebidas». «Pequenos Mundos, velhas civilizações», de Ferreira de Castro, o fasciculo referente á ilha de Corsega, admiravel de evocação de tipos e paisagens, com preciosas ilustrações e desenhos. Os fasciculos anteriores estão quasi esgotados, o que prova a difusão da obra.

—«A Dama das Camelias», segundo a sua versão cinematografica, arranjo de Guedes de Amorim, com inumeras gravuras.

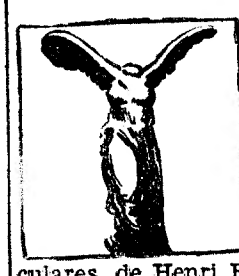
—«Grande Enciclopedia Portuguesa e Brasileira», fasciculo 31, com inumeros vocabulos da letra A. Ilustrações, uma delas a «off-set», primorosa de execução.

—«Um Ano Tragico», do pintor Varela Aldemira, que evoca uma das epocas mais curiosas da vida portuguesa, no seculo XX.

■

Do dia 12 a 15 de outubro realizou-se, em Roma, o congresso de Historia do «Risorgimento». O grande historiador Joachino Volpe pronunciou um notavel discurso sôbre a «Idéa de Roma no «risorgimento»» motivo que se tem modificado segundo os tempos e as circunstancias, mas que empolga sempre o patriotismo dos italianos. Houve ainda outras manifestações. Os congressistas terminaram os seus trabalhos visitando Sabaudia e Littoria, duas cidades criadas pelo fascismo.

■



Inaugurou-se há dias em Zurich uma exposição dos mestres populares da realidade, organizada pelo museu de Grenoble. Figuram na galeria telas de pinacoteias oficiais e de colecções particulares, de Henri Rosseau, Luiz Vivin, Utuillo, Adolfo Dietrich, Nicolas Stoecklin, e outros.

Dez minutos com Artur da Silva Lino

Na nova geração portuense, o dr. Artur da Silva Lino, pela suavidade lirica das suas composições, pelo sentido lusiada das suas rimas, pela magoada interioridade da sua alma lirica, revela-se uma individualidade marcada e um autentico e sincero valor. O seu livro recente «Tristeza das coisas», é, pois, a sintese das suas qualidades de emotivo e de sincero, já que a cristalinidade lirica das suas rimas constitui a justa prova das suas autenticas qualidades. Campos Monteiro no prefacio da «Tristeza das coisas», além do sentido estremenho dos seus poemas, realça o expontaneo valor emotivo deste poeta, cuja nobre independencia mental iguala o seu isolamento das «cotteries» e grupelhos literarios.

—Como escreve?

—E' geralmente andando que medito os meus assuntos. Gosto de passear, sozinho, através dos campos ou lugares ermos, a qualquer hora do dia, mas é quasi sempre no silencio religioso do crepusculo que a inspiração brota mais intensamente e que a minha fantasia exaltada, vibra num arrebatamento indefinido e misterioso.

«O assunto vai-se corporizando, a pouco e pouco, vai tomando vulto e forma, adquirindo movimento e côr, após a sua genese até ao estado de plena e completa maturação.

«Quando me sento á secretaria para escrever, limito-me, quasi sempre, a transportar para o papel os versos já prontos, lapidando-os, contudo, numa ansia fremente de perfeição.

—Que livros publicou?

—Iniciei-me na poesia muito novo. O meu professor de estilistica—«doublé» de sacerdote austero e de poeta lirico inspirado—acordou em mim o gosto pela arte divina. Datam dos 10 anos as minhas primeiras tentativas poeticas, as quais, bem como as que se lhe seguiram, foram, a conselho do meu mestre, publicadas em almanaques e revistas escolares da epoca.

«Mais tarde, organizei uma colectanea de versos, todos da idade juvenil e publicados nos jornais, dando ao volume o titulo de «Ondinas».

«Essas poesias estão a ser por mim revistas para efeito de nova publicação. Há tempo de: á estampa um livro de poemas, intitulado «Tristezas das coisas» e agora tenho para breve, em verso um volume «Pampanos» e em prosa uma novela, a que darei o titulo de o «Egresso».

—O que pensa sôbre a poesia?

—A hora, em que vivemos é de prosaismo feroz e de utilitarismo escravizante.

«A poesia,—flôr exotica, toda emoção, ritmo e musicalidade—é vergastada pelo vento crestante deste seculo, pois a força do musculo e do aço é que predominam na hora inquietante que passa. Mas a emoção está na propria essencia da alma humana, quando esta vibra sob a influencia da beleza fisica ou moral. Beleza expressa em palavras e emmoldurada em curvas musicais, eis o que é, na minha opinião, a poesia. Embora ela possa existir sem rima; sem ritmo e sem musica é que não poderá existir de forma alguma, porque então será, quanto a mim, autenticamente prosa.

«Emoção em marcha—pensamento aládo feito verbo e musicalidade a verdadeira poesia, independentemente de exotismos e de escolas, permanecerá, através das formas da vida imperfeita, o reflexo e irradiação mais eloquentes da excelsa beleza eterna.

Edições da "Renascença Grafica"
RUA DA ROSA, 57, 2.º
Telefones 2 0271, 2 0272 e 2 0273
ALBUM DE CARICATURAS por FRANCISCO VALENÇA ..... 10$00
MAIS VALE ANDAR NO MAR ALTO... por NORBERTO LOPES ..... 10$00

... DA ACADEMIA GONCOURT

FRANCISCO CARCO

fala-nos da sua vida e das suas obras

por Luiz Forjaz Trigueiros

Tarde de outono, em Paris

A'quela hora cinzenta os platanos começavam a doirar-se com a poalha leve do crepusculo; já, pelas longas Avenidas que levam á Etoile, o transito aumentára de repente e a estranha magia do movimento parisiense crescia aos nossos olhos ainda mal habituados. «No Grand Palais» que se debruça sobre os Campos Elisios, ainda o «Salon» continuava a sua exposição admiravel dos ultimos modelos em carroserias e «chassis». De todo o mundo acorreram ali numa semana milhares de pessoas e numa semana milhares de encomendas de novos carros foram aceites. Para mais, ha a dois passos, uma estrada para a Exposição e logo que o sol desaparece, a Torre Eiffel rasga-se no espaço, iluminada por fócos poderosissimos erguendo ao ceu uma orquestral sinfonia côr de bronze...

O carro desse gentilissimo espirito de senhora portuguesa que é Olga de Morais Sarmento, sóbe os Campos Eliseos a custo na aglomeração imensa do transito. Ao fundo, o Arco do Triunfo é, visto de longe, um bilhete postal ilustrado igual a tantos outros. São sete horas já, e os reclamos luminosos riscam no ceu estranhos arabescos de arco-iris.

Na vespera, Frederico Lefévre, grande amigo de Portugal e que é hoje, na ausencia do Martin du Gard, o verdadeiro director das «Nouvelles Littéraires», disséra-me:

—Falei a Francis Carco em si. Espera-o amanhã ás sete para tomar um «cocktail»...

E Olga de Morais Sarmento transportáva-me agora através o labirinto dos «boulevards» até o autor da «Jésus-la-caille» que é neste momento um dos homens mais discutidos de França. E' que em Paris uma eleição academica é um grande motivo de interesse publico. E Francis Carco acabava de ser eleito para a Academia Goucourt... o seu retrato encheu durante dias sucessivos todos os jornais parisienses. Alguns consagraram-lhe largos editoriais que vieram substituir o noticiario copioso da estada dos legionarios americanos em França ou das sessões do comité de não-intervenção. Nesse país delicioso, que tantos criticam sem conhecer, as coisas do espirito têm um lugar fundamental—e tudo se lhes sacrifica, desde o acontecimento politico até ao «fait-divers» da rua. E' uma das grandes lições da França eterna, este permanente «voto de admiração» por tudo quanto seja esforço da inteligencia, ou pertença aos dominios do pensamento, da arte e da cultura.

Sete horas da tarde, junto á Etoile». E' na Avenida Friedland, no «Hotel Napoleon», que me espéra Francis Carco. E não deixam de ser curiosos os contrastes da vida que me fazem conhecer no «hall» luxuoso dum dos melhores hoteis de Paris o homem cuja obra é a Historia da humildade e da miséria, e que ha vinte e tal anos chegou a Paris sozinho e pobre, sem ter de seu mais do que a vontade mascula e o talento criador que lhes dariam, uma e outra, um quarto de seculo mais tarde um lugar de singular relevo entre os «dez» da Academia Goucourt.

Lá fóra, já noite, as arvores da Avenida tinham passado já a sua hora de triunfo. Agora, começava a embriaguês magnifica da luz, das luzes de Paris que através as largas janelas do Hotel Napoleon desenhavam mil figuras coloridos e bizarras.

Recordações...

Francis Carco está defronte de mim e fala-me logo de Portugal com aquela simpatia com que hoje todos os franceses falam do nosso país. E se aqui a reciproca não é infelizmente, verdadeira, a verdade é que poude dizer ao autor de «Les hommes en cage» que a França continua a ser a mãi espiritual dos portugueses e que a sua obra tem entre nós um numerosissimo publico. Francis Carco é ainda relativamente novo—deve ter pouco mais de quarenta anos—mas gósta muito de falar do seu passado. Digo-lhe, a proposito quanto apreciara certo artigo seu, lido recentemente, sobre recordações da sua infancia. E logo me responde:

—E' que eu tive uma mocidade agitada, sofredora, diferente das outras mocidades calmas e equilibradas. Tudo quanto vivi em criança me impressionou profundamente e para sempre. Quando cheguei a Paris tinha vinte anos e passei privações tremendas. Nos primeiros dias foi uma infeliz quem me protegeu e partilhou comigo as suas refeições. Depois trabalhei—mas fazia muito vida de Montmartre e Montparnasse—você sabe o que isso quere dizer...

Ha na expressão de Carco um sentido de sinceridade que emociona. Vejo que não tem o «snobismo» da sua condição humilde mas antes o orgulho legitimo de se ter feito «por si». E continua desfiando o seu longo rosario de evocações—onde cada estação é uma «étape» no caminho duro da celebridade:

—Formámos um pequeno grupo de escritores e poetas que, afinal, para sempre ficaria unido e firme. Reuniamo-nos muito nos «bars», nas pensões e nos restaurantes e entre nós havia sempre a mais perfeita das camaradagens...

—Foi aí que nasceu, talvez, a sua amizade com Roland Dorgelés—o seu «padrinho» nos Goncourt?...

—Exacto. Já vê que é verdade o que lhe disse sobre a duração das amisades desse tempo. Dorgelés era dos melhores entre nós; mas havia outros: Max Jacobi, Andre Salmon, Mac-Orlan, Apollinaire, Alexandre Arnoux...

Mais tarde passámos a reunir-nos em Montmartre num pequeno «cabaret» onde tinhamos credito e isso foi, como calcula, uma optima facilidade para nós...

—Nesses pitorescos «cabarets» de Montmartre que Verlaine conhecia tão bem...

—Nem mais. Montmartre é uma região muito curiosa. Antigo país vinicola o povo ali é alegre e bom—como em todas as regiões vinicolas. E os proprietarios desse «cabaret» sentiam-se orgulhosos de receber ali um pequeno grupo intelectual composto de poetas, pintores, escritores...

Tudo isso foi desaparecendo em pouco tempo. Hoje Paris está transformada e já não ha recintos caracteristicos onde se reunam só homens de letras e artistas...

Duas gerações

—Devia ser um grupo muito unido—tanto mais que não ha nada para unir os homens como as afinidades nos gostos e nas privações...

—Abstraindo o que me diz respeito—era uma geração excepcional. Sabe: quando se tem um grupo adquirem-se os mesmos habitos e os mesmos costumes—ás vezes até as mesmas mulheres e os mesmos usos... Nós completámos a tradição intelectual de Montmartre. E essa «união» em que falou era precisamente uma das coisas que mais espantaram os homens da geração que nos precedeu... Essa geração anterior á nossa fôra fundamentalmente burguesa, egoista e desunida. Pois bem: um dia um de nós recebeu um cheque de 800 francos. Fomos todos cortar o cabelo—colectivamente...

—E' então, como vejo, anti-burguês?...

Francis Carco entusiasma-se:

—Mas certamente! O lado tragico dos grupos «soi-diant» burgueses é que cada um está só em relação aos outros—enquanto que entre nós, todos sabiamos que nenhum «cairia» enquanto os outros o pudessem ajudar...

E uma recordação:

—Morreu ontem o unico dentre nós que não conseguiu triunfar. Refiro-me a Robert de la Vaissiére que com o pseudonimo de «Claudien» publicou um livro notavel: «L'Anthologie poétique du XX° siecle» e cujos «Labyrinthes» publicados em «La Phalange» mereciam ser lidos por todos que se interessem por quèstões literarias. Morreu num desastre com 57 anos...

Projectos e realidades

—E agora tem algum trabalho em preparação? Decerto a «Academia Goncourt» foi mais um estimulo para a sua brilhantissima carreira de escritor...

—Estou satisfeitissimo como calcula de me encontrar entre os amigos que conto nos «Goncourt». Publiquei agora uma «plaquette»: «A l'amitié» e estou trabalhando num livro de memorias que se chama «Mémoires d'une autre vie»—toda uma serie de obras que exprimem uma orientação. «La voie basse» que acaba de aparecer é no genero dos meus primeiros livros...

—Ninguem como Francis Carco sabe auscultar tão perfeitamente a alma dos que sofrem...

—De facto, na minha obra eu prefiro essa primeira fase—que é a mais espontanea e a mais viva... «Jesus la caille», «Les inocents», «Rien qu'une femme»—são os meus livros dilectos. Já o livro «Brummes» que publiquei ha dois anos orienta tudo o que eu fiz num sentido totalmente diverso. Se ao principio eu olhava mais ao lado «psicologico» agora, por exemplo, oriento-me mais num sentido de «atmosfera»...

—Atmosfera de poesia ou da realidade?

—Uma e outra. Ha um minimo de poesia que é indispensavel na obra dum escritor. De resto a poesia é o grande segredo—digamos assim, o ponto de partida...

Por outro lado as minhas personagens são extraidas vivas—da vida. A proposito vou-lhe contar como arranjei um tema para o meu futuro livro...

O proximo romance de Carco

—Ontem mesmo, isto é, no dia guinte á minha eleição para os «Goncourt» encontrei um amigo dos velhos tempos, companheiro de prisão das vesperas da guerra, não nos encontravamos havia muitos anos. Efusão, abraços. Saudades. E quando eu menos o esperava, o meu amigo—que certamente não lê jornais—vira-se para mim e diz-me sorridente:

—E agora fala-me de ti! Que tens feito? Que ha de novo?

Não sabia nada da minha eleição para a Academia. Com este episodio encontrei o assunto do meu proximo romance...

—?...

—Ele será a historia dum homem que cometeu um crime e que ao ser posto em liberdade depois de cumprida a pena se vê escorraçado por todos, na rua, nas lojas, no «metro». Cansado de desilusões e de sofrimento procura um velho amigo que o recebe de braços abertos. Mas logo em seguida verifica que esse amigo ignora por completo a sua vida. E—aos olhos dele—deixa de ser culpado...

Interrompi Francis Carco e não resisti a dizer-lhe:

—Chama-se a isso a absolvição da ignorancia...

—Exactamente! A ignorancia absolve, como diz. Quando faz muito frio nas ruas sabe-se por toda a parte. Mas quando se mata alguem ou se cometeu qualquer crime nem todos o sabem...

—E' um belo tema para um romance—mas para um romance psicologico...

—E' o que pretendo fazer. E veja agora a quantidade de assuntos que surgem dentre este assunto. O drama da responsabilidade na ignorancia, a tragedia imensa da irresponsabilidade na convivencia com um criminoso que se desconhece...

* * *

Esgotaram-se os «cocktails» mas não se esgotaria esta conversa com Francis Carco se não fossem horas de jantar e as oito da noite não tivessem passado havia muito. Levanto-

(Vêr continuação na pagina seguinte)

OS LIVROS DA SEMANA

Fui severo para com os editores portugueses a semana passada. Bem sei que a eles pouco importa a minha severidade. Ha no português muita inocencia de alma em face do mal do mundo. Denunciar entre nós mazelas de ordem psicologica, moral ou social sem particularizar, de forma geral e abstracta, é como haver prègado aos peixes. Os portugueses condenam-nas ou aplaudem-nas mas sem pensar um instante que elas se lhes possam atribuir — julgam-nas sempre nos outros. Isto é, realmente, de grande comodidade. Diga-se o que se disser dos defeitos nacionais não ha um só português que se julgue responsavel deles. Daí tudo ficar como dantes... quartel general em Abrantes. Eis por que a severidade das minhas palavras ficou no espâço, flutuante, á espera de encontrar esse raro editor português que se julgue humildemente responsavel do descalabro do comercio editorial da nossa terra.

A minha severidade era, porém, tanto mais justa quanto é certo não ser verdade haverem-se estancado as fontes da inteligencia nacional. Mas como ha-de transparecer essa inteligencia se ela se encontra completamente desamparada. Como ha-de haver, por exemplo, entre nós, uma forte corrente de pensadores ou ensaístas se não ha quem edite livros de ensaios? Pelo menos, se um ou outro editor de melhor iniciativa se arrisca a fazê-lo, fá-lo, em geral, sem plano, ao sabor de recomendações e simpatias que nada têm a ver com os interesses da inteligencia ou mesmo com os interesses do proprio editor. E' preciso reflectir bem nisto: um editor que em Portugal publique bons livros, com criterio selectivo, e com continuidade — tem leitores. Mas quem ha aí que faça isso? Os editores portugueses começam por não se saberem rodear de quem lhes mostre o caminho. Como poderão cinquenta por cento dos editores portugueses manifestar-se, por exemplo, sobre uma obra de pensamento quando cinquenta por cento dos editores portugueses nunca tiveram tempo nem ocasião de ler uma obra de pensamento? Que diabo! Que me aconteceria a mim se eu amanhã me propusesse montar um negocio de bacalhau e arroz? Pois se eu não sei nada de bacalhau nem de arroz, como poderei vender bacalhau e arroz? Ora se os editores portugueses fizessem como se faz em todos os países civilizados, começariam simplesmente por ter conselheiros de edições, leitores competentes e capazes de os orientar na sua tarefa. Era a maneira de terem menos prejuizos e de salvarem, talvez, a vida nacional de muitos mal entendidos. Sim: é preciso, de uma vez para sempre, acabar com a lenda de que o publico só compra más obras, de que o publico não tem bom gôsto — de que o publico, numa palavra, é o maior responsavel do que se está a passar no nosso comercio do livro. Não é verdade. Ha, de facto, uma percentagem minima de leitores em Portugal em relação com a população do país. Isso é outro problema. Que, de facto, as obras de maior numero de leitores em Portugal, tinham obrigação de ultrapassar os dois ou três milhares que é de uso atingirem — é certo. Mas não é isso que está em causa. O que está em causa é esses dois ou três milhares de pessoas que lêem em Portugal as obras de maior reclamo terem mau gôsto porque o *editor quere que elas o tenham*. Não se pode dizer que o leitor português que lê Aquilino ou Ferreira de Castro tenha mau gôsto. Quaisquer que sejam as restrições que se façam a estes autores, não ha duvida de que são dois «bons autores», para empregarmos a terminologia do leitor. Pergunta-se: quem tem mau gôsto: o leitor que lê e compra obras de «bons autores», porque lhe fazem o réclame deles, ou o editor, que, aproveitando a benevolencia dos seus compradores, lhes impinge mercadoria de terceira ordem com os mesmos réclamos, os mesmos adjectivos, as mesmas capas e a mesma garantia que usou para com a de primeira? Pergunta-se: o leitor que lê Aquilino e Ferreira de Castro não leria com mais gôsto autores da categoria desses dois do que de categoria inferior? Será possivel não terem aparecido ainda em Portugal, depois de Aquilino e Ferreira de Castro, autores capazes de ombrear com eles? Não creio. Não é possivel. O leitor tambem não, mas como não sabe, por si proprio, procurar os livros que não têm na capa a chancela de um editor conhecido e nos jornais a publicidade que só ele pode pagar — eis por que o leitor compra gato por lebre, isto é, tudo que ele lhe fornece á sombra do réclamo e do real valor dos dois ou três bons autores que um dia editou. Se o leitor português não tem bom gôsto, não é sua a culpa. Toda a responsabilidade cabe ao editor.

* * *

Não. Em Portugal não se esgotaram as fontes da criação intelectual. Quem o não acredite, leia a *Revista de Portugal* que Vitorino Nemésio acaba de lançar em Coimbra, de colaboração com o poeta Alberto de Serpa. Eis aí a mais retumbante afirmação de que se não esgotaram os valores nacionais. Poucas vezes terá sido possivel juntar numa revista colaboração tão séria, tão nova e tão densa de conteúdo como a que Vitorino Nemésio conseguiu reunir

REVISTA DE PORTUGAL
director VITORINO NEMESIO
FIGURAS E EPISODIOS DO «LEÃO DE OURO»
por LUIZ TEIXEIRA

neste primeiro numero da *Revista de Portugal*. Eis a retumbante confirmação de que ha hoje em Portugal poetas, autores dramaticos, romancistas, pensadores, criticos, ensaistas, especialistas de literatura estrangeira, criticos musicais e organizadores de cultura como poucas vezes o tenha havido. Repito: quem me julgar vitima de uma ilusão ou de simpatias pessoais — e em Portugal ha sempre gente disposta a atribuir a simpatias pessoais toda a expansão admirativa — leia a *Revista de Portugal*.

Diz Vitorino Nemésio na editorial assinada pela *Revista de Portugal*: «... já que nos saiu esta palavra «geração», clarifiquemos esta consciencia dela. Somos realmente um nucleo de pessoas, da roda dos trinta anos, creseidas em solo português e ligadas umas ás outras pelas mesmas vicissitudes e circunstancias de formação, espiritual, pela comunhão numa Arte que não inventámos mas quiseramos viver como se saísse agora mesmo palpitante das nossas mãos, e ainda por aspirações, varias e diversificadas ao infinito, mas tidas no mesmo sentido e reguladas por um mesmo norte de onde nos vêm estas forças: liberdade intima, autenticidade na sua expressão, humanidade e beleza nos seus fins. Mais do que um ideario, o nosso patrimonio comum poderia definir-se como uma acção espiritual estimulada por motivos e solicitações convergentes». Mais adiante, diz-se que os da *Revista de Portugal*, reconhecendo embora a «inversão de valores» e o «academismo que tudo corrompe» entre nós «nem com uma flôr tocaremos, em regra, no que está irremissivelmente feito». Quere dizer: a *Revista de Portugal* pretende ser uma revista de afirmações, de realizações, de concretizações, não uma revista pronta a criticar o mal feito. Está certo. Já que a sua intenção é essa aceitêmo-la. Não ha duvida de que em Portugal se corre o perigo, visto tanto haver a destruir, de nunca se chegar a construir. Não podemos, contudo, deixar de chamar a atenção da *Revista de Portugal* para os perigos que da sua atitude podem, quiçá, advir. Cuidado com atitudes demasiado cautelosas num país em que só audaciosos dão cartas. E' preciso estar-se desperto para todas as eventualidades; sobretudo é preciso desconfiar-se da serenidade a que tais atitudes de renuncia podem levar. Ha, na verdade, na *Revista de Portugal* (falo do numero que tenho presente), duas ou três coisas talvez escusadas em revista que quere ser — e o é — revista de uma geração. Primeiro: transigencia com titulos feitos, o que, por pouco parecer significar, muito pode significar. *Revista de Portugal*, toda a gente o sabe, e ao caso se refere a direcção desta revista na sua editorial, foi o titulo duma revista de Eça de Queiroz. Para quê retomá-lo? E' um titulo como outro qualquer, dirão. De acôrdo. Mas o certo é que um nome define, delimita, um conteúdo. Um nome diz muito, ás vezes: é um programa, uma afirmação de autonomia. Mas adiante. Talvez isto não passe de uma simples caurrice minha. Segundo: seria absolutamente indispensavel recorrer á colaboração de escritores de personalidade completamente definida nas letras portuguesas? Não teria sido mais energico, mais eloquente e mais logico que a geração que Vitorino Nemésio procurou reunir na sua revista se mostrasse só, ela propria, em toda a sua força? E' certo não ser só essa a intenção de Vitorino Nemésio. Por isso lá vem o nome muito ilustre de Antonio Sergio, lá vem a promessa de nomes como os de Aquilino Ribeiro, Afonso Lopes Vieira, Eugenio de Castro, etc. Ora a verdade é uma geração dever afirmar-se tanto pelo que realiza como pelo que mostra pensar do já realizado. Para que a *Revista de Portugal* desempenhasse de maneira completa o papel de orgão de uma geração deveria ter reservado para si mesma afirmar-se sózinha criando e julgando aqueles que em outras revistas e em outras obras já se afirmaram. Honra aos que já realizaram! Lugar aos que querem realizar! Repetimos: não foi essa a intenção da *Revista de Portugal*. Mas exactamente por não ter sido esse o seu designio e por se palpitarem nela intenções demasiado transigentes, conglobativas, é que me aventuro a fazer estas considerações. E para findar com cautelas e restrições de quem muito se empenha em ver a *Revista de Portugal* assumir galhardamente o seu papel: porquê ter dado á capa da revista um estilo tão pesado, tão universitario?

A colaboração do primeiro numero da *Revista de Portugal* pode arrumar-se da seguinte maneira: poesia, ensaio, teatro, romance, critica, literatura estrangeira, musica e comentario á vida intelectual: *Jornal*, enfim.

Um belissimo poema inédito de Mario de Sá Carneiro, intitulado *Sexta Canção de Declinio*, é na revista a homenagem a um dos mais originais poetas da geração de que esta é a depuradora. Jorge de Lima, talvez o maior poeta brasileiro de hoje, apresenta-nos alguns dos seus mais belos poemas da ultima fase. Já quasi desapareceu nele a nota folclorista. *Lenda do Pato Bravo*, de Antonio de Sousa, é um poema de «convertido», chamemos-lhe assim, ás novas directrizes da poesia. Não sendo dos melhores poemas de Sousa, ha nele procura de caminhos, é um poema curioso. Carlos Queiroz, o poeta de *Desaparecido*, surge-nos renovado, vibrante de novas notas, com uma força e uma originalidade que o proprio *Desaparecido* não deixava, talvez, prever. *No Fundo do Tejo* é um dos mais belos poemas de Carlos Queiroz. Esquecia Afonso Duarte. Mas é inesquecivel este poeta de todas as gerações de renovação e de força. Que belo poema!

Vida:
Ai, não seres asa, ou pétala!
Soprava-te!
Sumia-te!
Ao vento,
Serias um vão lamento,
A cinza de qualquer côr.

Mas o equilibrio de colaboração é perfeito. Não ha excesso de poesia em relação á prosa. Após cinco *Cartas intimas* de Alexandre Herculado ao marquês de Sabugosa, talvez deslocadas naquele ponto da revista, vem *Tese e antitese nos sonetos de Antero*, de Antonio Sergio. E' claro que se trata de um trabalho claro, lucido, rectilineo, sôbre um aspecto da poesia de Antero. Não posso deixar de concordar absolutamente com Antonio Sergio quando atribue áqueles «que não sentem a poesia de idéas» ou que afirmam que «o poeta de idéas não pode atingir a verdadeira poesia» *sensibilidade sem alcance*, falta de uma corda «na emotividade artistica de que são dotados». Efectivamente assim é. Quem não fôr capaz de *sentir a poesia* dos poetas de idéas é, sem duvida, uma sensibilidade limitada. Tal qual como quem não fôr capaz de *sentir a poesia* dos poetas sem idéas: os poetas de intuição. Donde se conclue que a *poesia* é uma coisa distinta das idéas: pode havê-la num poeta de idéas ou num poeta sem elas. De grande falta de alcance sofre quem afirmar que não ha poesia nos poetas sem idéas. De *Jacob e o Anjo*, misterio em três actos, um prologo e um epilogo, de José Regio, publica-se apenas o prologo e o primeiro acto. Nada se pode dizer pois dêste misterio, uma vez que está incompleto (sairá em numeros sucessivos da revista). Posso desde já afirmar, no entanto, que é ele demonstração cabal de que o verdadeiro teatro português está por representar. A profundidade do pensamento e a riqueza da imaginação que este misterio revela através do prologo e do primeiro acto prometem-nos muitissimo. Esperemos que assim seja. Adolfo Casais Monteiro publica a primeira parte de um ensaio intitulado *A poesia de Julles Supervielle*. Parece-me que Casais Monteiro não atinge neste ensaio a clareza de outros, como, por exemplo, o dedicado á *Poesia de Ribeiro Couto*, publicado ha tempo. Ha precipitação no estilo e como que falta de acêrto entre as notas pessoais com que fala da poesia e a estrutura objectiva que aqui e ali parece querer imprimir ao ensaio. Só nas notas pessoais e directas Casais Monteiro atinge o essencial da poesia de Supervielle. *Algumas horas da Criação do mundo* é, suponho, um extracto do romance que Miguel Torga, o poeta de quem Casais Monteiro diz, na parte critica da revista, ser um dos maiores poetas da nossa geração vai publicar. E di-lo de uma maneira subtilissima. Miguel Torga denuncia-se neste trecho de romance um escritor para quem a palavra é como que um chicote a fustigar a realidade. Ha fôrça, pitoresco, poesia naquelas paginas. Com esse material podem fazer-se bons romances. Um editor inteligente, ao ler estas paginas, não devia hesitar: está ali, possivelmente, um bom romancista. Resta-nos, do texto da *Revista de Portugal*, passando em claro o que nele ha do autor destas linhas, coisa de pouca ou nenhuma importancia, *Conclusões quasi finais (fragmento de novela)*, assinado por Carlos Sinde, pseudonimo de um dos homens mais cultos da geração. *Conclusões quasi finais* é uma meditação novelesca, onde ha o seu quê de Huxley, o seu quê de Raul Brandão, o seu quê de Aquilino, sem nada haver realmente senão de um homem muito inteligente, muito sensivel, muito fechado sôbre si mesmo, por orgulho, por timidez, por pudor, por não sei que impossibilidade de confiar na propria imaginação, na propria inteligencia e na propria sensibilidade. Ha realmente por detrás daquele pseudonimo um grande escritor capaz de escrever um bom livro e talvez muitos.

A parte final da revista é possivelmente a mais importante: pelo menos é a mais significativa. Criticas como a de Albano Nogueira e Casais Monteiro, como a de Nemésio e João Falco, como a Ramos de Almeida a Marques Matias, a de Guilherme de Castilho a José Bacelar, a de Sant'Ana Dionisio acêrca de obras de filosofia, etc., são qualquer coisa de novo em revistas portuguesas, pela independencia, pela penetração, pela justeza e, sobretudo, pelo que revelam de absolutamente caracteristico da geração inteira: espirito critico e compreensão humana. Não ha ali preconceitos racionalistas ou outros: em todos a mesma vontade de aprofundamento do homem e das criações do seu espirito. Não devo deixar de referir tambem as observações de Fernando Lopes Graça sôbre musica, agudas e sensiveis, o breve *Balanço* de Francine Benoit, talvez demasiado sucinto, os *Disparates*, de João Falco, e as traduções dos poemas de Lawrence devidas a Paulo Quintela, que me parece deveriam ter tido lugar de maior destaque, e a rubrica *Literatura Brasileira*, de Casais Monteiro. O desenho de Julio é um desenho lirico.

Quere dizer: a *Revista de Portugal* põe em destaque os traços fundamentais da geração: renovação lirica, libertação dos quadros literarios, curiosidade internacional, gosto pelo ensaio, novas perspectivas no romance, espirito critico, simpatia pelos problemas humanos, universalidade de cultura—numa palavra: reintegração da vida mental portuguesa nos quadros da cultura europeia. Resta esperar que o leitor português se aperceba de que a geração que a *Revista de Portugal* representa através daqueles que neste primeiro numero colaboraram, e daquelas que nela, de futuro, colaborarão, é uma das mais poderosas e mais sérias que ainda houve nas letras portuguesas.

* * *

Figuras e Episodios do «Leão de Ouro», legenda literaria pronunciada na noite de evocação do «Leão de Ouro», é uma pequena plaquette em que Luiz Teixeira arquivou a sua palestra. Tenho muito gosto em voltar a repetir que Luiz Teixeira é uma sensibilidade literaria discritissima. Ha, nesta evocação, notas em que a poesia não é menor nem menos subtil do que o proprio estilo—simples, plastico, preciso. Luiz Teixeira é realmente um escritor.

JOÃO GASPAR SIMÕES

Francisco Carco e as suas obras

(Continuação da pagina anterior)

me para me despedir, mas pregunto-lhe ainda:

—Acha então que devemos ir procurar as nossas personagens na vida —e não imaginá-las em espirito ou na fantasia?

—Isso mesmo, responde-me. De nada serve procurar uma personagem ou um assunto mentalmente. Os melhores temas são-nos fornecidos—pelo que vemos e sentimos...

Francis Carco acompanha-me através as largas salas do «Napoleon». Explica-me, no entanto, que está mudando de casa e que porisso habita temporariamente aquele hotel, com sua familia. Talvez perceba ao dar-me essa explicação, que eu estranhasse já o requintado luxo do escritor das grandes miserias...

Quando saio e enquanto me ajuda a vestir o sobretudo o porteiro, culto e «bavard» como todos os franceses, diz-me:

—«C'est magnifique, monsieur l'Académi cien, n'est-ce-pas?»

Concordo inteiramente—e desço á Avenida Friedland, por uma noite fria de outono considerando que vale realmente a pena ter talento num país em que isso é um motivo de admiração, de gloria e de intimas compensações interiores. Mas, como se sabe, não acontece assim em toda a parte.

Paris, outubro de 1937.

LUIZ FORJAZ TRIGUEIROS